



Regina Cruz do Nascimento

# ETERNAMENTE ROSA MENINA

a história de um Terno de Reis

**EdUFBA**  
Editora da Universidade do Estado da Bahia

ETERNAMENTE  
ROSA MENINA



## **Universidade do Estado da Bahia - UNEB**

Lourivaldo Valentim da Silva

**Reitor**

Maria Nadja Nunes Bittencourt

**Diretora da Editora**

### **Conselho Editorial**

Atson Carlos de Souza Fernandes

Jose Bites de Carvalho

José Cláudio Rocha

Liege Maria Sitja Fornari

Lígia Pellon de Lima Bulhões

Luiz Carlos dos Santos

Narcimária do Patrocínio Luz

Sandra Regina Soares

Wilson Roberto de Mattos

### **Suplentes**

Diego Gervásio Frías Suarez

Gilmar Ferreira Alves

Juracy Marques dos Santos

Leliana de Souza

Mariângela Vieira Lopes

Miguel Cerqueira dos Santos

Valdélío Santos Silva

Regina Cruz do Nascimento

ETERNAMENTE  
ROSA MENINA

a história de um  
Terno de Reis

EDUNEB  
Salvador  
2013

© 2013 Autora

Direitos para esta edição cedidos à Editora da UNEB.

Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma idêntica, resumida ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.

Depósito Legal na Biblioteca Nacional.

Impresso no Brasil em 2013.

**Ficha Técnica**

**Coordenação Editorial**

Ricardo Baroud

**Coordenação de Design**

Sidney Silva

**Fotografias**

Acervo da família

**Revisão, Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica**

CIAN Gráfica e Editora



**Ficha Catalográfica - Sistema de Bibliotecas da UNEB**

---

Nascimento, Regina Cruz do

Eternamente Rosa Menina: a História de um Terno de Reis / Regina Cruz do Nascimento . – Salvador: EDUNEB, 2013.

186p. : il. Retrato color.

ISBN 9788578872090

Inclui referências.

1. Folclore - Brasil. 2. Folia de Reis - Salvador (BA). 3. Cultura popular - Brasil.  
4. Educação popular. 5. Espaço urbano - Bairro Pernambues (Salvador, BA).

CDD: 398.0981

---



Editora da Universidade do Estado da Bahia - EDUNEB

Rua Silveira Martins, 2555 - Cabula

41150-000 - Salvador - Bahia - Brasil - Fone: +55 71 3117-5342

eduneb.editora@gmail.com - editora@listas.uneb.br - www.eduneb.uneb.br

Dedicado a **SILVANO FRANCISCO DO NASCIMENTO**,  
pela sua história de vida, sua dedicação e amor a uma tradição.

## **AGRADECIMENTOS**

À União dos Tradicionais Ternos e Ranchos de Reis e Bailes de Pastoris da Bahia; aos músicos; a todos os carregadores de cajado; as meninas que compõem o terno; a Empresa Expresso Vitória, grande parceira do Rosa Menina. A todos os meus irmãos, sobrinhos, cunhados, parentes e amigos, que estão sempre ao nosso lado, que continuam acreditando que a festa de Reis é linda e não deve acabar.

À minha mãe D. Luiza pela sua bravura, lealdade e dedicação ao nosso querido Terno; a minha filhinha Ana Luisa fonte de minha inspiração.

À Marinaldo J. Coutinho Bonfim pela revisão de texto e formatação

À equipe do Projeto Turismo de Base Comunitária do Cabula e entorno, coordenado pela professora Francisca de Paula, que por meio deste e com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), está sendo possível realizar este sonho, dando visibilidade ao Terno de Reis Rosa Menina.

## **AO MEU SAUDOSO E AMADO PAI**

Silvano Francisco do Nascimento nasceu no dia 25.12.1915, no bairro de Brotas, Salvador/Ba. Era filho de seu Manoel e Dona Cabocla, como era carinhosamente chamada sua mãe D. Almerinda. Cresceu no bairro de Brotas, na Ladeira da Cruz da Redenção. Sua infância de menino pobre, filho de pescador e dona de casa com mais sete irmãos, fizeram com que cedo fosse trabalhar para ajudar no sustento da casa. Nunca cursou uma escola, nunca teve um professor, seus pais não colocavam os filhos na escola para não servirem ao exército; tudo que aprendeu na vida foi graças a sua força de vontade, ainda menino procurava pessoas que tivessem alguma instrução educacional para que lhe ensinassem alguma coisa e assim aprendeu a ler e escrever.

Desde garoto tinha uma paixão muito grande por Ternos de Reis, perdia horas assistindo o desfile de Ternos nos bairros. Seu grande sonho era fazer um Terno de Reis, ainda criança aprendeu a gostar e admirar uma florzinha pequena chamada Rosa Menina, era a sua flor preferida e foi em homenagem a essa flor, tão pequenina, que nasceu em 1º de novembro de 1945 o

tradicional e glorioso Terno da Rosa Menina. Amor que levou até o túmulo. Sei que onde esteja está cantando e recitando seus versos, está contando para outras pessoas da sua realização de ter sido fundador e único dono do Terno mais tradicional da Bahia.

E é a você, Silvano, que dedico esta obra, apesar de nenhuma experiência literária, mas com a vivência de quem foi abençoada por Deus, por um dia ter lhe conhecido, ter dedicado a você o primeiro sorriso, ter torcido pelo mesmo time, de ter caminhado ao seu lado enfim, de ter ajudado mesmo que discretamente a construir este fenômeno chamado Rosa Menina e de um dia ter tido a benção de lhe chamar “meu pai”.

Esta obra eu não assino sozinha, é assinada por toda família, amigos e admiradores.

Papai, sei que hoje não estás entre nós, fisicamente não, mas continua presente nas nossas lembranças. A saudade é grande, como também é grande o amor e respeito que temos pelo senhor. O Rosa Menina continua, as rosas meninas continuam, o brilho continua, só está faltando o comando do mestre, estamos tentando substituir a nossa maneira, não tão bem quanto o senhor, talvez com mais emoção do que razão; estamos seguindo seus ensinamentos: “Ciganas de um lado, floristas do outro, a Porta-estandarte e a Rosa Menina só saem depois do primeiro verso”.

Estamos meio desajeitados, mas estamos tentando lhe imitar direitinho, os ensaios ainda não começaram, mas já tem gente batendo na porta pra se inscrever, tudo continua quase igual, pois temos certeza que por mais que tentemos, nós nunca iremos conduzir este Terno tão bem como o senhor, essa foi a sua vida, essa rosa foi a sua história, e é a nossa história também, a história da nossa família, o seu amor, a sua dedicação e a sua perseverança sempre nos contagiou. Sei que continua nos orientando, onde quer que esteja, a dificuldade em colocar o Terno na rua continua a mesma, mas temos fé e amor, isso já é um bom começo. Temos consciência que nunca vamos conseguir lhe substituir a altura, mas acredite meu pai, estamos tentando, estamos trabalhando para que o Rosa Menina continue brilhando, pois este sonho é também nosso, temos o orgulho de dizer que somos filhos de Silvano e Luiza, temos orgulho do que fazemos e a nossa promessa de não deixar O Rosa Menina morrer continua. Pois além de amor, temos a sua benção e a benção de Deus, que com certeza nos conduzirá nessa missão, para podermos dizer do fundo do coração: ETERNAMENTE ROSA MENINA.

## **Ao Nosso Mestre, com Carinho**

**S**ério, camarada, amigo, guerreiro, protetor, determinado,  
**I**ncentivador, nos ensinava por meio de suas experiências,  
**L**utador, não se detinha diante das dificuldades  
**V**alORIZAVA nossas conquistas, cobrando dedicação e responsabilidade  
**A**mava cada um de nós e se preocupava com o bem estar de todos  
**N**os ensinou o valor da honestidade, do caráter, do trabalho e amizade  
**O** nosso mestre, nos ensinou muito mais que as escolas.

Foi com você que aprendemos a gostar de futebol, de torcer pelo nosso BAHIA. Era você que ria e participava das nossas brincadeiras, por mais bobas que fossem. Quem sempre nos defendia de tudo e todos, em qualquer situação.

A sua sabedoria era infinita, sempre atento as nossas necessidades, procurava ajudar e apoiar a todos, mesmo que não pedíssemos. Confiava em seus filhos e se orgulhava de todos.

Hoje você não está conosco fisicamente, mas jamais esqueceremos de você, de seus ensinamentos, você mora em nossos corações. TE AMAMOS MUITO!!!

*Efigênia Cruz do Nascimento Carneiro*

## SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b>	<b>15</b>
<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>17</b>
<b>NASCE UMA NOVA ROSA</b>	<b>21</b>
<b>O ROSA MENINA SURGE PELA PRIMEIRA VEZ NA LAPINHA</b>	<b>27</b>
<b>E O GRUPO SE DESFAZ</b>	<b>35</b>
<b>O ROSA MENINA SE DESPEDE DO BAIRRO DE BROTAS</b>	<b>39</b>
<b>DINDINHA RITA, ETERNA MADRINHA DA ROSA</b>	<b>45</b>
<b>DE GARRAFA A GEGÉ - A MÚSICA NÃO PODE PARAR</b>	<b>51</b>
<b>DA ESPANHA À BAHIA</b>	<b>61</b>
<b>SURGE UM NOVO MÚSICO</b>	<b>67</b>
<b>AS PORTA-ESTANDARTES</b>	<b>71</b>
<b>Mania de Porta-estandarte</b>	<b>74</b>

<b>CONFECCÃO DOS CAJADOS</b>	<b>77</b>
<b>Como surgiram as lanternas</b>	<b>80</b>
<b>NEM SÓ DE GLÓRIAS VIVEM OS TERNOS DE REIS</b>	<b>87</b>
<b>O bolero da Porta-estandarte</b>	<b>88</b>
<b>DOR, SUPERAÇÃO E CORAGEM</b>	<b>93</b>
<b>DEDICAÇÃO E AMOR</b>	<b>97</b>
<b>E O QUE É TERNO DE REIS?</b>	<b>107</b>
<b>NOSSO TERNO</b>	<b>113</b>
<b>Os carregadores de cajado</b>	<b>114</b>
<b>Os músicos</b>	<b>115</b>
<b>As dançarinas</b>	<b>116</b>
<b>Os cânticos</b>	<b>118</b>
<b>Os versos</b>	<b>121</b>
<b>A TRADIÇÃO NÃO PODE ACABAR</b>	<b>125</b>
<b>DEPOIMENTOS</b>	<b>131</b>

## PREFÁCIO

Conhecemos D. Luiza, e o seu lar que fica na casa onde foi a Rádio Comunitária Odeon, e está a sede provisória do Terno de Reis Rosa Menina e da Comissão Unida de Pernambués - CUP, e onde reside parte de sua família, por meio do Projeto Turismo de Base Comunitária no Cabula e Entorno, o TBC Cabula.

Para nós, foi como um bálsamo para a alma, encontrarmos em um só lugar, riqueza singular e plural, do ponto de vista cultural, e humano. D. Luiza e sua família nos acolheram com portas, braços, sorrisos e corações abertos. Apenas para ilustrarmos a importância desta na história do turismo de base comunitária em espaço urbano, em Salvador e na Bahia, realizou-se o primeiro *tour*, organizado pela comunidade de Pernambués – por meio da metodologia participativa adotada pelo projeto de pesquisa e extensão – ou como foi denominado “I Visita ao Bairro de Pernambués pela Comunidade da Fazenda Modelo Quilombo D’Oiti”, Itacaré-Bahia, de 22 a 24 de julho de 2011, acolhendo 26 pessoas na residência de D. Luiza.



Assim, esse lugar, que teve como mentor o Sr. Silvano Francisco do Nascimento, homem, pai, mestre, compositor, artista plástico, poeta, marceneiro, carpinteiro e polidor, criador do Terno de Reis Rosa Menina, não poderia passar despercebido pela equipe do TBC Cabula da UNEB.

Entre palavras ditas e escritas permeia a valorização da comunidade, o respeito ao seu cotidiano, o modo e a maneira de se viver. E, como ratificação de sua identidade e do patrimônio cultural local, as práticas e expressões utilizando-se de instrumentos e objetos sejam eles musicais, ou configurativos, perpetuam as imagens passadas de gerações para gerações.

Esta obra é uma das pérolas que compõem o colar do bairro de Pernambués. Uma joia da cultura popular da Bahia.

*Francisca de Paula Santos da Silva*  
*Hildete Santos Pita Costa*  
*Rosane Sales*  
*Rosemeire Pedreira*

Salvador, 18 de junho de 2013.

## APRESENTAÇÃO

No dia 05 de janeiro de 2009, andava eu pela cidade de Valença, trazia comigo uma imensa dor no coração, lembrava-me dos últimos acontecimentos de minha vida, os dias dolorosos que meu pai passara no hospital, os últimos momentos da sua vida, e não saía da minha memória o “cântico da estrela guia”, tocado no funeral; sabia que era o dia da festa de Reis e que àquelas alturas os organizadores de Ternos e seus componentes estavam se preparando para o desfile na Lapinha. As lágrimas escorriam pelo meu rosto, uma saudade imensa invadia o meu peito, a dor da perda do meu ídolo, o meu mestre, o meu pai, aliada a problemas particulares, me deixavam visivelmente deprimida nesse dia. Da minha alma vinham as canções que não hei de esquecer, pensei: um homem como meu pai, não pode ficar esquecido, ninguém morre quando deixa uma obra, e ele deixou o seu Terno de Reis, a sua vivência e sua dedicação. Pensava no que poderia ser feito para imortalizar essa obra construída ao longo de 63 anos.

O meu pai, o Mestre Silvano, sempre falava: “se alguém quiser fazer alguma coisa por mim, faça em vida...”, tenho certeza



que tudo foi feito, mas ainda faltava alguma coisa, faltava levar a todos a vida e obra desse carpinteiro, semianalfabeto, chamado Silvano, que por pura iluminação divina compôs, criou e deu vida ao Terno de Reis mais tradicional da Bahia, o Terno Rosa Menina. Este Terno já foi motivo de papel de presente em São Paulo, já esteve em exposições nos Estados Unidos; seus cajados já foram até Roma, junto com o Papa João Paulo II e isso se deve à bravura, à dedicação e ao amor do seu fundador, por isso resolvi escrever este livro que fala de um homem simples, um carpinteiro muito iluminado e abençoado pelo Pai, que teve a sua vida marcada pela dedicação a suas duas paixões: a família e o seu Terno de Reis. Que será eternizado, que não há de ficar somente na lembrança daqueles que um dia participaram, mas será lembrado por todos que um dia estiveram na festa da Lapinha e tiveram a oportunidade de se emocionar com seus cantos e melodias, de se alegrar com as coreografias de suas ciganas, a beleza de suas alegorias e, para aqueles que ainda não tiveram oportunidade de ver o Rosa Menina, eu convido a fazer uma viagem comigo, que se inicia no dia 1º de novembro de 1945.

Neste livro trago alguns depoimentos de pessoas que um dia fizeram parte da família Rosa Menina. Esses depoimentos são verdadeiros e foram autorizados por todos.

Sua filha querida.



“O Terno Rosa Menina é mais que uma manifestação do folclore e da cultura do nosso estado, é uma prova concreta de amor e fidelidade a uma tradição”.

*Regina Nascimento*

Salvador, 1º de novembro 1995.



## **NASCE UMA NOVA ROSA**

O ano era 1945, o mundo comemorava o fim da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha nazista destruíra varias nações, o mundo ainda chorava suas perdas e contabilizava seus prejuízos. Muitos filhos esperavam por um pai que jamais iria voltar, muitas mulheres choravam a viuvez. As nações começavam a pensar em reerguer-se, em meio a tudo isso, bem longe dos canhões, das bombas e dos foguetes, um grupo de rapazes se reunia na intenção de criar um Terno de Reis. Silvano, na época com 30 anos, trabalhava como carpinteiro, e nas horas de folga ajudava a ensaiar o Terno das Sempre



Vivas, porém, cansado de estar sempre ajudando a organizar o Terno de outros, Silvano resolveu convidar os amigos Agnelo Francisco do Nascimento, Armando Nascimento, Manoel dos Reis, Enock dos Reis e Plácido para se reunirem no Largo da Cruz da Redenção, nº 02, Brotas, Salvador-BA, nessa reunião nasce o Terno que ficou conhecido como Terno Rosa Menina.

No começo era só brincadeira, os amigos resolveram fazer um Terno de Reis para desfilarem no bairro de Brotas, visto que na época somente Ternos grandes e tradicionais desfilavam na Lapinha. Havia um número imenso de Ternos de Reis, os quais começavam a desfilarem por volta das 21 horas do dia 05 de janeiro e entravam pela manhã do dia 06, dia de Reis. A decisão de Silvano em criar seu próprio Terno surgiu após uma desavença com a dona do Terno das Sempre Vivas. Silvano sempre organizado e autoritário nunca admitiu interferência em seu trabalho, fora convidado pela dona do Terno para que ensaiasse as meninas; levou algumas crianças do bairro de Brotas e Amaralina e foi ensaiar o Terno. Contava Silvano que o Terno das Sempre Vivas era um dos mais ricos e bonitos da época, todavia, a riqueza dos seus trajes não era suficiente para que fosse um Terno organizado. Silvano muito organizado e decidido em suas opiniões, às vezes até radical, se viu perdido num Terno em que até músico mandava. Além disso, ficava chocado com o preconceito ali existente, meninas mulatas e negras não saíam no Terno. Um dia uma das meninas que ele



levou para participar do Terno foi impedida de ensaiar por ser de cor negra; isso revoltou o mestre que saiu de lá dizendo que nunca mais voltaria e que iria organizar seu próprio Terno.

Isso serviu de chacota, afinal de contas um marceneiro, pobre, semianalfabeto, ia fazer Terno como? “Terno de Reis é coisa séria, coisa para quem tem dinheiro e pode gastar”, diziam. O fato é que Silvano era persistente, não desistia nunca dos seus sonhos e, apesar da pouca instrução tinha uma coisa que talvez faltasse aos demais, uma iluminação muito grande: aprendeu tudo na vida sozinho, apenas com os ensinamentos do Mestre Jesus, e era nele que confiava para vencer mais essa batalha.

No início seus amigos se assustaram com a proposta de criar e organizar um Terno de Reis. Todos de família humilde, não tinham amigos ricos que pudessem patrocinar o evento, como iam conseguir fundar e administrar um Terno de Reis? Pensando assim, resolveram que o Terno sairia com garotas da vizinhança e desfilaria apenas no bairro de Brotas, com a ajuda dos moradores e dos pais das crianças. E assim foi feito. No dia 05 de janeiro de 1946 saía pela primeira vez, pelas ruas do bairro de Brotas, o Terno Rosa Menina, com garotas de 05 a 12 anos de idade, que eram arrumadas pelos próprios pais. As vestimentas eram feitas de papel crepom, as meninas dançavam segurando pequenos cajados com lanternas e velas acesas,



elaboradas por Silvano e tocando pequenos pandeiros. E foi assim que começou, pelas ruas do bairro de Brotas cantando, dançando e alegrando os pais e vizinhos daquelas pequenas crianças.

Mas Silvano era ousado e bom brasileiro e, um bom brasileiro não desiste nunca, enquanto trabalhava como marceneiro ele ia criando suas canções, nunca escreveu nenhuma das músicas que compôs. Decorava a letra, arranjava a melodia e quando estava pronta passava a ensinar as meninas, levava sempre suas letras para um senhor conhecido por Aloísio, que o ajudou a aprender ler e escrever e, este fazia as necessárias correções dos possíveis erros do português mal falado pelo Mestre Silvano, que sempre demonstrou muito respeito e admiração a esse amigo. Algumas músicas ele compôs em parceria com Armando, outras compôs sozinho. O importante na vida não é saber falar bem, é fazer-se entender e isso Silvano sabia muito bem.

### **Cântico dos Reis**

Moradores de Belém,  
da santa consolação,  
é chegada hoje,  
a noite da sagrada adoração.



Os três Reis quando souberam  
que Jesus era nascido  
se puseram a caminho  
com presentes escolhidos.

O primeiro trouxe ouro  
para o seu trono dourar.  
O segundo trouxe incenso  
Para seu trono incensar.

O segundo trouxe incenso  
Para seu trono incensar,



O terceiro trouxe mirra  
Por saber que era imortal.

As meninas saíam pelas ruas cantando e de casa em casa eram recebidas pelos proprietários que ofereciam mungunzá, arroz doce e refrescos e, quando chegavam às casas, para saldar aos moradores cantavam uma “chula” que é mais ou menos assim:

Vamos entrando com muita alegria,  
Levando a rosinha em nossa companhia,  
Cercada de flores, cercada de luz  
Levando louvor ao menino Jesus  
E o dono da casa com muito prazer  
Louvando a Jesus é o nosso dever (repete)

Apesar de sua pouca instrução Silvano compôs músicas e versos dignos de um poeta. Nunca cursou uma escola, não frequentou uma faculdade, mas várias vezes foi convidado a fazer palestras para universitários. Não sabia falar direito, mas sabia fazer-se entender, não tinha grande educação, mas soube educar doze filhos, seus fiéis escudeiros; não quis o melhor para si, mas sempre deu o melhor de si aos seus filhos e netos, nunca soube ensinar uma tarefa da escola, mas soube ensinar com seu exemplo.

## O ROSA MENINA SURGE PELA PRIMEIRA VEZ NA LAPINHA



Depois de desfilarem no bairro de Brotas e de terem conquistado o carinho e a admiração dos moradores, Silvano e seus companheiros decidem investir na Festa da Lapinha, era uma



ousadia muito grande para um grupo de rapazes do bairro de Brotas ir à Lapinha e querer competir com Ternos de Reis que já estavam há anos no cenário baiano, e para isso precisariam contar com o apoio dos pais das crianças e a coragem para correr em busca da realização do sonho. Nessa época, o Governador Otávio Mangabeira resolveu dar uma colaboração para os Ternos e Silvano tomou a iniciativa de se inscrever para receber o tal auxílio. E foi assim que no dia 05 de janeiro de 1948, surge pela primeira vez na Festa da Lapinha o **TERNO ROSA MENINA**, oriundo do bairro de Brotas. Pequeno, humilde, com meninas de origem pobre, na maioria de cor negra e que tinha dentro de si um grande ideal, brilhar na festa da Lapinha e foi assim que o **ROSA MENINA** chegou à Lapinha para ser vencedor. Os aplausos foram consequência da ousadia daquele grupo. E o Rosa Menina subiu pela primeira vez no palanque da Lapinha cantando assim.

### **Marcha nº 01**

Eu vi no céu uma estrela  
Que coisa bela, que linda luz,  
Era o sinal da Profecia,  
Foi nesse dia, nasceu Jesus.  
Vamos Pastoras, chegou o dia  
Tão esperado por toda gente,



Deus nos envia seu filho amado  
O Bom Jesus, Onipotente.

Até hoje, eu não sei se esta marcha ficou conhecida como Marcha nº 01, se foi por motivo de ter sido a primeira que Silvano compôs ou por outro motivo que desconheço.

Após a apresentação os comentários na época eram tipo: “de onde surgiu este Terno?”, “Simples, porém muito bem organizado e dirigido”. As rádios falavam da estreia do Terno do bairro de Brotas que tinha se apresentado pela primeira vez na Lapinha e já mostrava que tinha vindo para ficar. E daí começou a legião de fãs do Rosa Menina, que nunca deixou de crescer; que ano após anos comparece à festa da Lapinha, para ver o Terno de Reis daquele senhor careca, vestido de branco, que o conduz com tanto entusiasmo e amor.

O Rosa Menina não parou por aí. No ano de 1954 sagrou-se campeão, disputando com Ternos de nome como: Terno do Sol, Terno da Estrela do Oriente, Terno da Bonina; Terno das Sempre Vivas, Terno das Flores, Leão





de Ouro, Terno dos Astros, Terno Romeiros do Oriente, Terno do Bacurau, Estrela Dalva, Concha de Ouro de Amaralina, e tantos outros que ficaram no passado. Foi também campeão em 1962 e 1963, vice-campeão em 1964, campeão em 1965 e 1970, vice-campeão em 1973, tetracampeão em 1974, 1975, 1976 e 1977.

### **Cântico da Rosa**

É noite de natal, noite de alegria  
Viemos visitar a José e Maria  
É noite de prazer e noite de primor,  
Viemos adorar a Jesus Salvador.

Eu sou a Rosa Menina,  
De encanto e de nobreza,  
Os pastores se admiram  
De eu ser tão pequena  
Com tanta beleza

Boa noite, meus senhores  
Vou viver lá no jardim  
Peço a Deus felicidades  
Pra todos vocês que gostaram de mim.

Às vezes fico me perguntando durante esses 68 anos de existência do Rosa Menina, quantas garotas cantaram esses



versos. Eu cantei pela primeira vez quando era menina, com meus 13 anos e a minha filha cantou esse verso na Lapinha pela primeira vez com 03 anos de idade. Eu saí no Terno pela primeira vez, com 12 anos incompletos, o Juizado de Menores não permitia que crianças com menos de 12 anos participassem de festas de largo. A minha filha saiu pela primeira vez no Rosa Menina, com 10 meses.

Falando em Juizado de Menores, nunca esqueço aquele ritual, todo ano no dia 05 de janeiro meu pai levava uma relação com nomes e idades de todas as moças que iam dançar no Terno para pegar o Alvará do Juizado de Menores, pois sem ele, qualquer Terno era impedido de subir no palanque da Lapinha. Nunca esqueço a minha mãe perguntando: “Silvano, já pegou o Alvará?”. E ele respondia: “Já está no bolso do paletó”. Assim se sucedeu durante anos, até que há algum tempo o Juizado de menores deixou de exigir Alvará e deixou também de determinar idade para as crianças saírem no Terno, hoje, o número de crianças de 07 a 12 anos que sai no Terno é expressivo e só não é maior, por uma questão de segurança, a responsabilidade com o Terno é muito grande e, com crianças é dobrada.

O cântico da rosa é uma parceria do meu pai com seu amigo Armando. Ainda lembro a primeira vez que saí de Rosa Menina. No início meu pai não queria me colocar na função mais importante do Terno, que é a de representar o seu nome,



daí ele ficou ensaiando uma e outra menina e não acertava com nenhuma, aí aconteceu que numa noite de ensaio, já no mês de dezembro, na hora do cântico da Rosa, minha mãe me chamou e disse: “Vá dançar”. Fiquei meio sem saber se deveria ir ou não, com medo de decepcionar meu pai e perder aquela oportunidade que minha mãe estava me dando; meio trêmula, dancei, cantei e recitei o verso, pronto, fui aprovada, mas o pior ainda estava por vir, no dia do ensaio geral, o barracão estava lotado, a transmissão era ao vivo para todo o bairro, através do Serviço de Alto Falante, quando começou o cântico do Guia, Rosimeire, que fora Rosa Menina antes de mim e Tânia, a prima dela, começaram uma onda de terror, a todo o momento perguntavam se eu estava nervosa, se eu ia conseguir cantar. Rosimeire não parava de dizer: “Quando eu era Rosa Menina, eu tremia igual a uma vara verde na hora de cantar”, a pressão delas e de algumas ciganas em cima de mim foi tanta, que acabou acontecendo. Na hora de cantar, eu estava super-nervosa, comecei o verso e não consegui terminar, a voz sumiu, fiquei gelada, decepcionada, envergonhada; a vontade que eu tinha era de sumir, e para piorar minha triste estreia como Rosa Menina, no dia seguinte logo pela manhã, apareceu minha prima Jaíra e comentou: “Que Rosa Menina é essa que seu Silvano arranjou? Foi horrível!”, meio triste e muito envergonhada respondi: “A Rosa Menina sou eu Jai”. Ela tentou consertar para eu não chorar, mas eu já estava bastante arrasada para poupar as lágrimas.



Mas enfim, chegou a festa da Lapinha, procurei não dar ouvidos a nenhum comentário, e para alegria de todos cantei, dancei e recitei meu verso com bastante tranquilidade. Hoje, eu sei que as meninas não fizeram por mal, elas eram adolescentes e não imaginavam que com aquelas palavras elas estavam me deixando mais nervosa e insegura do que realmente eu poderia ficar. Aliás, Rosimeire e a mãe dela sempre foram grandes parceiras do Terno e sei que tinham muito amor e respeito pela Rosa.

## E O GRUPO SE DESFAZ

No decorrer dos anos, o grupo foi se desfazendo, Agnelo mudou de bairro, Enoque casou com uma das irmãs de Silvano, tia Zezé; nunca soube o que aconteceu a Plácido e no ano de 1978, após





uma discussão com Silvano, no Bonfim, por motivos banais, Armando deixa o Terno, dizendo que o Rosa Menina não ia mais sair, pois dependia dele e das meninas que ele sempre levava para dançar. O mestre Silvano se viu mais uma vez diante de um desafio: acabar o Rosa Menina ou seguir em frente sozinho. Ele fez a segunda opção, seguir com seu Terno, com a ajuda de Deus e de sua esposa e fiel companheira Luiza.

Arrependido do que fez e vendo que a coragem do mestre superava expectativas, Armando apaixonado pelo Rosa Menina, nunca deixou de ir à Lapinha todos os anos para ver e aplaudir o Rosa que ele ajudou a cultivar, sempre com lágrimas nos olhos, ele vinha cumprimentar o amigo, dizendo: “Meu Terno, minha Rosa Menina!”.

Foram várias vitórias, várias medalhas dessa história de sucesso, a cada ano novas crianças se inscreviam e novas canções surgiam da inspiração daquele marceneiro.

As ciganas sempre foram a paixão do meu pai, apesar dele nunca ter declarado isso, se via nos olhos dele, o brilho de satisfação na hora da coreografia das ciganas. E seu amor pelas ciganas sempre foi tão notável que compôs três canções para elas, mas uma dessas músicas, sei que era a que mais gostava, a que mais o empolgava, talvez por isso foi um dos poucos cânticos que ele nunca deixou de cantar em qualquer apresentação, e diz assim:





## **Cigana nº 02**

Quero ver, quero ver  
As ciganas o que é que vão fazer  
Não me importa, tenho fé  
Elas hoje vão fazer seu rapapé

Somos ciganas para nós  
Tudo está bem  
Fox-trot, tango e valsa  
Arranjamos muito bem  
Nossos pandeiros sabem  
Que não têm ladeira  
Aprendemos na Escola para não fazer asneira.

Donos das festas  
Nós nos queira desculpar  
Este terno é muito pobre  
Não nos queira reparar  
Venho de longe com prazer e alegria  
Adorar a Deus Menino,  
Filho da Virgem Maria

## O ROSA MENINA SE DESPEDE DO BAIRRO DE BROTAS

Silvano deixou o bairro de Brotas, pousou em Amaralina por um tempo e depois seguiu para Pernambués, no dia 09 de janeiro de 1955. Foi neste bairro que ele retomou seu Terno,





conheceu Luiza e com ela casou-se no dia 11 de janeiro de 1958. Luiza passou a ser a esposa, companheira e responsável pela organização das vestimentas. O bairro de Pernambués acolheu este Terno com tanto carinho que o Mestre Silvano nunca mais saiu de lá. Antes de conhecer Silvano, Luiza também fazia Ternos e chegou a pisar no palco da Lapinha com o seu pequeno Terno Concha de Ouro de Pernambués, mas o destino estava traçado, o Concha de Ouro não resistiu muito tempo, faltava apoio, na época os responsáveis pelo Terno era Luiza e seu irmão Rosentino, muitos jovens e inexperientes para conduzir um Terno de Reis, que requer muita responsabilidade de seus organizadores.

Assim o Rosa Menina chegou imponente ao bairro de Pernambués, as componentes do Terno Concha de Ouro logo se transfeririam para o Rosa Menina e as meninas do bairro de Brotas, seguiram o Mestre em seu novo desafio. O Terno Rosa Menina se instalou no bairro de Pernambués, onde sobrevive até hoje.

### **Noite de Natal**

Numa noite de natal,  
Uma estrela apareceu  
Anunciando ao mundo:  
“O bom Jesus Nasceu”.



Eu sou aquela Estrela  
Que tem a luz divina  
Sou guia dos pastores  
E da Rosa Menina.

Muitas vezes, durante a minha infância ouvi meu pai cantarolando baixinho esta música enquanto trabalhava como marceneiro. Esta música me acompanhou na infância, na adolescência e até hoje me emociono quando ouço esse refrão, sei que era uma das músicas preferidas dele e minha também. Ela tem a letra bem simples, contudo a melodia é linda, que toca fundo no coração, nunca esqueço, quando ele falava para os músicos: “Cântico do Guia, introdução da Ave Maria”.

Quando o ouvia cantarolando o Cântico do Guia (noite de Natal) sentia um aperto no coração, era uma coisa que não dá para explicar, uma mistura de alegria e emoção, e atualmente quando ouço essa música, sinto a mesma emoção e muitas saudades do meu velho querido.





Todo ano era uma festa quando começavam os ensaios do Terno, isso movimentava o bairro, o comércio e seus moradores. Todo dia 05 de janeiro uma multidão se espremia na entrada da sede para ver as meninas do Rosa passar. Era uma multidão de apaixonados e curiosos que ficava aguardando terminar de cantar o hino do Senhor do Bonfim para ver o Terno entrar no ônibus com direção às festas de Largo, muitas mães choravam emocionadas ao verem suas filhas arrumadas para seguir para a Lapinha. O número de fãs era tão grande quanto o de pessoas que queriam participar de alguma forma.

O mestre Silvano costumava dar títulos a algumas ajudantes, a maioria delas era diretora, nunca entendi esse cargo de diretora do Terno, esta forma de agradecimento era na minha opinião, tanto quanto equivocada. A maioria das diretoras eram pessoas sem nenhum compromisso com o Terno, apenas porque





levavam duas ou três meninas para sair no Terno já passavam a ser diretoras, certo que era um cargo simbólico, mas ainda assim, muitas vezes prejudicial.

Durante o percurso minha mãe ficava com a responsabilidade de tomar conta das meninas, ajudar meu pai na direção, enquanto as “dotoras” corriam na frente e quando o Terno chegava no palanque, elas se colocavam na posição de diretoras e eram as primeira a subir e em muitas ocasiões minha mãe e mamãe Brulina foram impedidas de subir no palanque porque os seguranças alegavam que já tinha gente demais no palanque, isso muitas vezes gerou um mal estar muito grande e minha mãe que nunca foi de ouvir desaforos calada, acabava discutindo com os seguranças para fazer valer o seu direito de esposa e organizadora do Terno, em algumas ocasiões





foi necessária a intervenção do meu pai. Na realidade, o pobre do segurança que não tinha nada a ver com o fato e só estava ali fazendo seu serviço era quem ouvia. Aliás, minha mãe sempre foi contra essa legião de “diretoras”.

## **DINDINHA RITA, ETERNA MADRINHA DA ROSA**

Entre essas pessoas que receberam título, uma delas vai ficar eternizada, Dindinha Rita, como ele carinhosamente chamava minha avó, ela ficou com o título de “Madrinha do Rosa Menina”, título este que ela recebeu com muito orgulho, e enquanto teve saúde, Dindinha Rita nunca deixou de acompanhar o Rosa Menina nas suas apresentações. Ela ajudava a tomar conta das crianças menores, inclusive eu, que não tinha idade suficiente para sair no Terno. Vovó era uma torcedora ardente, quando havia concurso de Ternos, no dia seguinte à apresentação, cedo ela estava ligada no rádio para saber o resultado, e quando o Rosa Menina não ganhava, ela reclamava, dizia que foi “marmelada”, que o Terno vencedor não estava mais bonito que o nosso. Criou-se uma rivalidade com o Terno da Terra, digna de um BA-VI. O Rosa Menina já ia para Lapinha preparado para enfrentar o Terno da Terra e vice-versa, poucos Ternos disputaram tantos títulos como esses dois, mas Dindinha Rita como boa torcedora e madrinha não admitia o vice-



campeonato e muitos dos títulos que o Terno perdeu, não foi na qualidade das músicas ou das componentes, muitas vezes ouvi minha mãe dizer que o Terno foi reprovado pelo jurado, porque uma baiana conseguiu burlar a vigilância e saiu de sapato preto. Outras vezes, porque uma cigana saiu de sapato branco ou uma pastora (florista) saiu de sapato preto. E quem disse que existia ou existe determinação de cor para sapatos de floristas e/ ou ciganas? Mas como sabemos que nem sempre o julgamento é “justo”, muitos dos jurados sequer faziam ideia do que era Terno de Reis, outros, no entanto eram conhecedores da cultura de reis e sabiam que aquela justificativa não tinha fundamento.

Dindinha Rita como boa torcedora, também tinha sua música preferida, a Marcha nº 02 (Que Alegria). Ela costumava dizer que a coisa que mais a deixava feliz era quando o Terno se arrumava na Ladeira da Soledade e começava a cantar aquela música, essa era a marcha das ciganas. Hoje o Terno não sobe mais a ladeira da Soledade tocando, por causa do trânsito e da falta de interesse dos órgãos públicos em promover a Festa de Reis. Atualmente os Ternos se arrumam na entrada da Lapinha. Antigamente, no meu glorioso tempo de cigana, junto com minhas irmãs, nós subíamos a ladeira cantando e abaixando para bater o pandeiro,



## Marcha nº 02

Que alegria, que prazer sem igual  
quando se vai a Lapinha  
em noites tradicionais



Foge a tristeza e surge a animação  
devemos ir a Lapinha  
festejar a tradição.

Ciganinhas mostrais o que tens  
porque vós cantas e danças também  
é tão lindo o seu requebrar,

Nós queremos ouvir seu cantar  
não recuse em nos dar o prazer,  
porque é de fato fazer valer,

Quando canta uma canção  
que alegria em nosso coração.  
mesmo sendo pequena,

Qual lindas verbenas  
devemos dar a prova de amor  
levando a rosa esta flor tão fina  
com seu perfume embriagador

Toda felicidade dessa mocidade  
ao bom Jesus devemos agradecer  
hoje é dia de alegria,  
devemos todos cumprir nosso dever.

Além de Dindinha Rita, outras pessoas receberam  
o título de Diretoras do Terno Rosa Menina. Ainda lembro



algumas delas como: tia Tíndha, minha madrinha Lourdes, D. Dinorah, D. Pequena, D. Francisca, tia Maria, Tia Teté, e a sempre atenciosa mamãe Braulina, esta ainda continua firme, ajudando no que pode, dentro das suas limitações. Nunca soube se Célia também tinha algum cargo no Terno, mas é outra pessoa que está ali sempre disposta a ajudar. Célia nunca falta às festas da Lapinha, lembro que durante a minha infância, era ela quem me arrumava, penteava meus cabelos, bordava os meus vestidos e ainda hoje continua ajudando, bordando as roupas, arrumando as meninas, penteando algumas, sempre presente nas apresentações do Terno Rosa Menina.



## DE GARRAFA A GEGÊ – A MÚSICA NÃO PODE PARAR

A primeira vez que saí no Terno foi de guarda de honra do Rosa, sempre entendi que guarda de honra do Rosa e camponesas são apenas uma invenção para não deixar as pequenas fora do Terno





e eu era bastante pequena, nem precisa dizer. Aí me colocaram de guarda de honra do Rosa, no ano seguinte saí de guia, posteriormente de Rosa Menina, espanhola, cigana e finalmente Porta-estandarte. Nunca esqueço a figura de “Seu Garrafa”, era um músico no qual meu pai depositava toda a sua confiança. Garrafa tocava trombone e conhecia profundamente todas as músicas do Terno, a impressão que dava era que Garrafa tinha ajudado a compor, bastava Silvano dizer o nome da música e Garrafa só esperava pelo apito. Ele sabia de tudo, letra por letra, nota por nota. Garrafa era o preferido das componentes, principalmente das porta-estandartes, porque a elas cabe a responsabilidade de um bom desempenho do Terno. As ciganas e as espanholas podem errar, elas estão em grupo, poucas pessoas vão perceber, elas cantam e dançam juntas. A Rosa Menina, o guia e o jardineiro, são crianças, se errarem serão perdoadas, mas ninguém perdoa uma Porta-estandarte que não sabe cantar e dançar, a responsabilidade da Porta-estandarte é tão grande que muitas vezes vi o Mestre tremer na hora do Hino de Adoração, mas Garrafa tinha o dom de passar tranquilidade para as porta-estandartes. Ele sempre nos dizia: “Fique tranquila, deixe comigo que vai dar tudo certo”. E sempre dava, porque quando ele percebia algum deslize, entrava com o trombone e praticamente encobria a voz de quem estava cantando.

O Terno tinha um ritual antes de sair para a Lapinha, meu pai chamava a Porta-estandarte e a Rosa Menina para



passar o Hino de Adoração e o cântico do Rosa, com Garrafa, depois todos seguiam para o barracão onde era cantado o Hino do Senhor do Bonfim e só depois era que saía em fila para o ônibus. Dentro do ônibus cantava a marcha nº 04 e aí sim, o Terno estava preparado para subir o palanque da Praça da Sé e Lapinha. Mas com o tempo meu pai foi desprezando este ritual, não por opção, por economia, porque o dinheiro que recebia era muito pouco, daí os músicos passaram a seguir direto para a Lapinha onde se reúne ao Terno.

Garrafa apesar de ser fã das porta-estandartes também tinha sua preferência e ele nunca escondeu que sua música preferida era o cântico das espanholas.

### **Cântico das espanholas**

Venha dançar espanhola  
todos esperam você  
dizem que na castanhola  
sabe fazer miserê  
deixa de bossa  
a noite é nossa  
venha nos dar o prazer.





Eu não entendo de samba  
em meio de bamba  
o que eu vou fazer  
eu sei dançar minha rumba  
não vou a macumba  
lá no cangerê.

Na minha terra em Servilha  
dançando quadrilhas,  
eu sempre ganhei  
mas nesse passo de samba  
em meio de bamba  
me atrapalhei.

Uma lembrança que nunca saiu da minha memória foi quando pela primeira vez saí de Porta-estandarte no Terno. A minha estreia foi na Praça Municipal, quando chegamos à Praça Municipal havia um Terno se apresentando, o fato é que a Porta-estandarte dele tomou uma vaia tão sonora que me atingiu em cheio. Eu era a próxima, eu seria a da próxima vez, tremia as pernas, as mãos, fiquei gelada, cheguei perto de Garrafa e disse: “me ajude”. Ele somente sorriu, acenou com a cabeça e disse: “Fique tranquila, eu estou aqui do seu lado, não olhe para as pessoas, não pense em nada, cante que eu estou aqui pra lhe ajudar”. Sei que não era a única nervosa, ainda me lembro, que logo que terminou a marcha, meu pai pegou o microfone, cumprimentou o público e anunciou: “Vamos



ouvir o Hino de Adoração, a Deus de lá do Infinito”. Nunca esqueço do momento em que ajoelhei e meu pai chegou com o microfone pra mim, as mãos dele tremiam, o silêncio do público era geral, pensei: eu seria a próxima vítima, a próxima a ser vaiada. Respirei fundo olhei para Garrafa que fez o sinal de positivo e cantei pela primeira vez este Hino que sempre foi o terror e o amor de todas as porta-estandartes.

### **Hino de Adoração**

Ó Deus de lá do Infinito,  
ouvis a minha oração  
Jesus, o vosso filho bendito  
que seja a nossa Salvação,  
abençoaí aos pastores  
que hoje vem adorar  
cantando hinos de  
glórias e louvores  
diante do seu altar.  
É noite de Natal e noite de alegria  
vimos adorar ao bom Jesus  
o filho de Maria...  
Maria, mãe imaculada,  
por vosso filho varonil  
sejais, a nossa Advogada





defendas o nosso Brasil,  
daí nos a Benção Sagrada  
daí nos a paz e o amor  
para cantarmos Glórias e Louvores  
a Jesus o Salvador.

Terminei o Hino de Adoração, olhei para Garrafa que sorria, muitos aplausos, os músicos me cumprimentaram e aí sim, depois de passar nesse vestibular, eu estava preparada para subir ao palco da Lapinha e enfrentar aquela multidão de fãs do Rosa Menina, a maioria deles, tão exigentes quanto o próprio dono. Daí eu nunca mais parei de cantar esse hino, e ainda hoje me emociono. Cada vez que me ajoelho em frente a Igreja da Lapinha para cantar o hino que é de todas as porta-estandartes do Rosa Menina. Motivo de orgulho do Mestre Silvano que sempre falava: “Este Terno sempre teve ótimas porta-estandartes, e me orgulho muito do meu Terno nunca ter sido vaiado”.

Garrafa faleceu em 1993 e para o seu lugar veio Gegé que ficou responsável pelos músicos. Infelizmente ele deixou o Terno por motivo de saúde. Hoje quem comanda os músicos é Carlinhos.





Todos os outros músicos do Rosa Menina merecem nossos aplausos, pois são eles os responsáveis pelo desempenho do Terno. Os músicos jamais podem errar, pois se erra, todos erram com eles, por isso a preocupação do Mestre Silvano em escolher o pessoal que com ele puxava o Rosa Menina para o sucesso.

Na trajetória do Terno Rosa Menina, outros músicos se destacaram, como: Anísio do bairro de Brotas, Carlinhos, Jorge, Renato Batista, Cuica, Dudu, entre outros. Segundo eu ouvia contar, Anísio amava tanto o Terno que chegou a brigar com o Mestre Silvano várias vezes, eles discutiam porque Silvano mandava tocar uma música e Anísio queria tocar outra,



autoritário como era, Silvano não admitia desobediência, ele aceitava opinião, mas nunca interferência de músicos em seu trabalho e Anísio, por ter um relacionamento de amizade antigo, desde à época de Brotas, tinha a mania de tocar o que ele mais gostava, e acabavam brigando, por isso Anísio saiu do Terno. Sempre ouvi dizer que a música preferida de Anísio era o samba das baianas e ele tocava esse samba em qualquer apresentação e isso, às vezes irritava meu pai, que mandava que tocasse outra música e Anísio vinha com o samba, aliás a história desse samba é muito bonita, Silvano compôs ele em homenagem a Otavio Mangabeira, Governador da Bahia que foi o primeiro a ajudar os Ternos de Reis e aos poetas Rui Barbosa e Castro Alves.

### **Samba da Baiana**

Venha sambar minha baiana,  
hoje é noite de prazer,  
venha sambar aqui neste salão  
aqui neste salão com alegria  
vem cumprir o seu dever.





A baiana da cidade pra sambar  
tem muito jeito,  
samba mesmo de verdade  
não apresenta defeito,  
eu vendo manga, abará e acarajé  
e na roda do samba faço meu rapapé.

E eu nasci nesta terra hospitaleira  
onde nasceu Castro Alves,  
Ruy Barbosa e Mangabeira  
eu sou do samba, vim mostrar o meu valor  
aqui neste salão, com todo amor.

## DA ESPANHA À BAHIA

A sapiência do Mestre era tão grande que apesar de ter pouca instrução colegial, tinha muito conhecimento de cultura, por isso, incluiu no Terno a figura da espanhola, como uma forma de homenagem e agradecimento aos europeus, por ter trazido uma cultura tão linda como esta para o nosso país. Lembrando que as espanholas são exclusividade do Rosa Menina.





Os Ternos de Reis são originários da Europa, mais precisamente da Espanha e Portugal, e foram trazidos para o Brasil na época da colonização, aqui se proliferou pelo interior do Brasil. Em alguns lugares é chamado de Folia de Reis e em outros, Reisado. Atualmente existem muitos Ternos de Reis no recôncavo e no sudoeste baiano, além de São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Pernambuco etc. Em Salvador a folia de Reis tem o nome de Terno de Reis, que semanticamente significa “três reis” e é uma cultura de cunho religioso, pois traz em seus cânticos músicas em louvores ao nascimento de Jesus e a Família Sagrada. Em Salvador a festa de Reis acontece sempre no dia 05 de janeiro no Largo da Lapinha, após o encerramento da novena os Ternos passam a desfilar e se apresentam em um palanque localizado em frente à Igreja. Na década de 1950 a 1970, os Ternos de Reis em Salvador viveram seu momento de glória, era uma das festas mais disputadas do calendário de festas populares de Salvador. Todas as moças queriam sair no Terno e faziam questão de ostentar o nome do Terno que representavam; não se importavam com os gastos, o que elas queriam era estar cada vez mais linda, arrumadas e muito bem ensaiadas para entrar no concurso de Ternos para vencer. No meado dos anos 1980 os Ternos de Reis começaram a enfrentar sérios problemas para se manterem, na realidade. Os Ternos de Reis não se prepararam para sobreviver sem a ajuda dos órgãos públicos, como fizeram os blocos de carnaval. Assim, como



não estavam preparados para andar com as próprias pernas entraram em declínio e descrédito. Seus organizadores, pessoas de baixa renda, sem muita instrução colegial e principalmente, desconhecedores de marketing, não conseguiram arrumar uma maneira de sobrevivência, por isso a festa de reis se transformou numa festa sem atrativos, os poucos Ternos que desfilam levam para a rua a dificuldade estampada nas suas vestes e na sua organização, por outro lado, Ternos como o Rosa Menina procuram manter a tradição e o brilho que ainda resta da festa de Reis.





O Terno Rosa Menina, não podia deixar de fazer também homenagem a esta terra maravilhosa, cheia de encantos e magia, por este motivo foi introduzida a figura da “baiana”, aquela representante legítima da nossa cultura e do nosso legado africano; isto é conhecimento do que se faz, é saber fazer a pluralidade cultural, é valorizar tanto o afro como o europeu e só mesmo uma pessoa com tanta iluminação tem esta capacidade. Como meu pai, o Mestre Silvano, sempre falava: “Muita gente faz Terno de Reis, mas poucos sabem o significado dessa cultura”. E esta é a mais pura verdade, por isso o Rosa Menina, nunca se afastou do seu objetivo principal, adoração ao Menino Jesus e nunca abandonou a tradição. Todas as músicas do Terno falam do nascimento de Jesus com exceção das espanholas e do samba, que estão fora do contexto religioso.

### **Samba nº 02**

Eu vou lhe dizer logo a verdade  
esta nossa amizade, veio nos atrapalhar  
você não gosta da folia,  
eu sou filha da Bahia  
não vou me amofinar.  
O samba para mim é uma tradição  
pandeiro para mim é uma sedução



por isso eu agora vou dizer  
a baiana que não samba devia morrer.

Nasci nesta terra hospitaleira  
onde nasceu Castro Alves,  
Ruy Barbosa e Mangabeira  
a minha terra tem valor,  
é a terra do poeta é a terra do doutor,  
o samba para mim é uma tradição  
pandeiro para mim é uma sedução  
por isso eu agora vou dizer  
a baiana que não samba devia morrer.

Quando ouço este samba me vem na lembrança duas  
bairanas que marcaram época na Rosa Menina: uma se chamava



Valquiria, apelidada por VAUM, e a outra era Lindinha (filha de dona Assunção).

Vaum era uma negra baixinha, fechada, nunca a via no meio das outras. Ela chagava sozinha, carregando na sacola umas quatro anáguas e várias contas, sei que havia várias pessoas que eram fãs de Vaum. Mais quem não era fã daquela baiana legítima. Não sei dizer se ela era adepta do candomblé, mas se vestia como uma verdadeira mãe de santo (yalorixá). Não sei como suportava o peso daquelas contas, a verdade é que Vaum era uma baiana de verdade, tinha sempre no semblante uma seriedade de quem estava cumprindo uma missão. Vaum era a baiana preferida do público, tinha o respeito das colegas e a admiração do Mestre Silvano.

Quanto à Lindinha era verdadeiramente o oposto de Vaum. Era alegre, brincalhona, não costumava levar as coisas muito à sério, de vez em quando era chamada à atenção, no entanto, todo mundo gostava daquela menina de jeito moleca. Quando tocava o samba, parecia que ela recebia uma entidade, porque a nega “fechava” em cima do palanque.

Seria injusto não falar também de Maria, Djaina, Glorinha, Jaci e tantas outras que sempre fizeram questão de mostrar ao público “o que é que a baiana tem”.

## SURGE UM NOVO MÚSICO

Dizem que filho de peixe, peixinho é, e eis que nasce José Márcio. Alguém tinha que herdar o dom da música, 11 filhos, e nenhum deles se interessou por música, e aí nasceu o 12º, o caçula. Esse menino, ainda pequeno pegava os instrumentos de brinquedo e ficava ali tocando, alguns feitos por ele mesmo, ele tocava tudo de ouvido. Certo dia um americano amigo nosso, conhecido por Ralph ouvindo Marcio tocar ficou impressionado como ele tocava, sem nunca ter estudado música, e conseguiu para ele um curso na Escola de Música da Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde Márcio se formou, hoje é ele o responsável pela orquestra.





Márcio toca todos os instrumentos de tecla, corda e às vezes arranja também com o pandeiro, por isso ocorre em várias ocasiões a gente vê Marcio no Terno, no mesmo dia tocando instrumentos diferentes. No trajeto pela rua ele toca violão ou cavaquinho e, às vezes, pandeiro, e em cima do palanque ele toca teclado. Meu pai sempre demonstrou todo o respeito e a admiração que ele tinha por Marcio, é ele o responsável por ensaiar as meninas, por ensiná-las a cantar, e nas apresentações é ele com seu teclado quem puxa as músicas. A presença de Márcio no Terno se tornou tão necessária que até os outros músicos se confundem quando ele não está. Esse caçula não é brinquedo não, ele se sente responsável pelo Terno e o Mestre Silvano sentia a necessidade de tê-lo nos ensaios e nas apresentações. Muitas vezes, ouvi meu pai falar que tinha certeza que Márcio não ia deixar o Terno acabar na falta dele. Ele confiava em Márcio tanto que se Márcio não pudesse participar de uma apresentação, meu pai ficava totalmente chateado e triste, pois ele sempre soube o valor e a importância de Márcio com seu teclado nas apresentações do Terno. E para provar que filho de peixe é mesmo peixinho, é que Priscila filha de Márcio também já está cantando, e tocando como se vê na foto ao lado.

Gostar de Terno de Reis nesta família é quase uma obrigação, ou será vocação? O Terno Rosa Menina é uma tradição passada de pai para filho e de filho para neto. Nenhum de nós ensinou os filhos a gostar do Terno, é uma coisa que está



no sangue, no DNA da família Nascimento. Do mesmo jeito que nós, os filhos, crescemos acompanhando nossos pais, os nossos filhos estão trilhando o mesmo caminho. Na foto seguinte podemos ver Ana Luisa, Priscila, Daniel e Pedro, nossos filhos amados demonstrando toda a felicidade de estar ajudando a manter a tradição.

Nessa família cada um tem sua função no Terno. Bruno, Marquinhos, Alisson, Augusto, Lucas, Samuel, Tiago e Pedro ajudam na organização e carregam cajados. Tiago, Samuel e Lucas, foram reis, Bruno carregou seu primeiro cajado quando estava com dois anos, meu pai fez uma réplica dos cajados do Terno e Bruno levou para a Lapinha todo entusiasmado, foi um sucesso total, os fotógrafos não deixavam o garoto





dar um passo, todo vestido de branco como o avô, Bruno ia na frente ao lado do mestre, com seu pequeno cajado, demonstrando responsabilidade e respeito, apesar de só ter dois anos.

## AS PORTA-ESTANDARTES

Nos seus 68 anos de existência, várias porta-estandartes carregaram aquela bandeira, algumas com tanto amor e dedicação que pareciam estar carregando um troféu. O Mestre era muito exigente na hora de entregar o estandarte para alguém, tinha que mostrar muito que sabia dançar, cantar e que estava a altura de carregar o estandarte do Rosa. Muitas tentaram, outras sonharam, algumas ficaram na frustração de não ter sido escolhidas, sei que algumas





delas bem que mereciam, mas dono de Terno é como técnico de futebol, a torcida vê um jogo o técnico vê outro. E foi sempre assim, meu pai mandava duas ou três meninas ensaiarem até se decidir por uma, mas como ele não gostava de ferir ninguém, a que não foi escolhida ficava como reserva e se alguma coisa acontecesse que a titular não pudesse comparecer, a reserva já estava ali pronta para entrar em campo. Todas torcendo por uma oportunidade de ser a rainha do Terno, de ter o prazer de se vestir como princesa e carregar o maior troféu do Terno, o seu estandarte.

Tenho recordações vagas de algumas porta-estandartes como Hilda, Loló e Lílian, e lembranças mais vivas de Jáira, Sonia Fontes, Luisa, Valdemarcia, Meire e Jace. Cada uma a seu tempo brilhou e soube carregar aquele estandarte com muita dignidade. Todas tinham o mesmo ideal: brilhar nas festas e mostrar a Silvano que ele estava certo em tê-las escolhido.

São tantas as histórias de Porta-estandarte do Rosa Menina... Uma delas me foi contada por vovó, disse ela, que próximo da festa da Lapinha, a mãe de Loló (Heloína) faleceu e nessa época não tinha outra que a substituísse, pois Hilda, a sua substituta imediata também não poderia ir por problemas de saúde. Lóló foi para a Lapinha, cantou todo o hino de adoração chorando, as pessoas ficaram impressionadas com a capacidade dela, pois o hino já é difícil de ser cantado normalmente, imagine chorando!



Em outra ocasião o Terno foi se apresentar no Pelourinho, antes de ir para a Lapinha, eu estava fora, ajudando na organização, de repente a Porta-estandarte, Valdemarcia, me chamou e falou que seu sapato tinha rasgado, quando olhei para os pés dela, o pé estava totalmente para fora do sapato, nesse ínterim aparece uma emissora de televisão filmando o Terno, não tive alternativa, tinha que achar um sapato para a menina com a máxima urgência, avistei D. Luzia calçada com um sapato branco, me aproximei dela e perguntei: Que número a senhora calça? Ela respondeu 37, eu então pedi o sapato para ver e saí correndo, entreguei o sapato à menina, que mal teve tempo de calçar e já estava com a câmera em cima dela. D. Luzia ficou reclamando, mas o que eu poderia fazer? Era a única opção que tinha no momento, acho que até hoje ela me xinga por tê-la feito andar descalça o Pelourinho inteiro.

As músicas do Terno eram tocadas num tom muito alto e dificultava para quem ia puxar o verso sozinho, e é assim com a Porta-estandarte, tem que cantar o Hino de adoração sozinha, eu sei dessas dificuldades, mas uma Porta-estandarte se destacou no quesito “garganta”, eu sempre ouvi meus pais comentarem que Hilda se superava nesta questão. A menina tinha um “vozeirão” e em qualquer tom que tocasse, ela cantava, sem nenhuma dificuldade. Márcio ia gostar de tocar para uma pessoa assim. Hoje, os cantos do Terno já estão em um tom mais ameno, porque Márcio ciente das nossas dificuldades baixou o tom das músicas.



## Mania de Porta-estandarte

Toda Porta-estandarte tem sua mania, nenhuma delas passou por este Terno sem mostrar algum tipo de mania, por exemplo: Lílian mastigava cravo, antes de um ensaio ou saída do Terno, ela dizia que cravo ajudava a abrir a voz e era bom para garganta. Jáira comia sal, para ela sal ajudava a melhorar a voz. Sônia e Valdemarcia ficavam quietas, não falavam com ninguém. Talvez se concentrando. Luisa não parava de falar e tirar fotos. Cada parada era uma foto, cada música uma pose para fotos, acho que ela se sentia uma verdadeira rainha. E eu como boa Porta-estandarte, também tenho a minha mania. A minha é de só ir me arrumar depois que o Terno está todo



pronto, as meninas já estão ocupando o ônibus, por isso tenho que arrumar uma legião de ajudantes, claro, atrasada como eu, somente umas três ou quatro pessoas para ajudar. Enquanto uma coloca a anágua, a outra já está ajudando a vestir o vestido, outra calçando o sapato, maquiagem, colocar a coroa. Como vê, é muita gente para arrumar uma Porta-estandarte só.

Geralmente eu conto com o apoio de Célia, Rosilda, Marlene, Edinha, Detinha e Eliete. Porta-estandarte tem mesmo mania. Muitas vezes tive que seguir para a Lapinha em carro particular, pois apesar das ajudas, nem sempre dava pra ficar pronta na hora da saída e acabava chegando depois ou entrando no ônibus na hora que estava saindo. Mas a mania de me arrumar em cima da hora também tem uma justificativa, eu fico ajudando na arrumação das outras e quando me dou conta todo mundo já está no ônibus.

Na realidade ficamos todos envolvidos com a organização, tudo tem que está pronto na hora certa, não pode haver falhas ou esquecimentos, Terno de Reis é um grupo como outro qualquer com toda responsabilidade, é como uma orquestra tudo tem que está afinado. E no dia 05 de janeiro, apesar dos trabalhos começarem bem antes, há coisas que tem que ser resolvidas na hora, confirmação do ônibus, horário dos músicos, lanches, velas para as lanternas, arrumação das meninas, distribuição dos cajados e dos uniformes e para não



deixar de variar, têm meninas que chegam na hora de se arrumar, por volta das 18:00 horas, informando que não têm sapato, outra que não vai poder ir porque tem outros compromisso, outra que não veio ensaiar porque não teve tempo, mas quer uma roupa para sair; além de tudo isso, temos muito cuidado com as meninas, não deixamos que nenhuma saia sem se alimentar, e apesar da ajuda de todos, isso leva tempo, e eu acabo me arrumando depois que tudo já foi devidamente providenciado.

## CONFEÇÃO DOS CAJADOS

Desde criança acompanhei meu pai na organização do Terno, durante os meses de agosto a dezembro, eu e minhas irmãs Conceição, Efigênia, Isabel e Cristina, nossas primas Célia, Sandra, Marlene e Rosilda ocupávamos nosso tempo livre em bordar os boleros do Terno. A confecção destes boleros e





aventais é demorada e por isso demandava muito tempo, e nós aproveitávamos o nosso tempo livre entre a escola e as tarefas de casa para bordar os boleros. Passávamos horas bordando para que no dia de reis tudo estivesse perfeito. Enquanto nós bordávamos os boleros e aventais, minha mãe confeccionava as roupas com tia Teté, mamãe Braulina e D. Pequena.

Além das roupas o Terno também traz um brilho muito especial na confecção dos cajados. Márcio herdou o dom da música, Geraldo, Francisco e João herdaram o dom das artes plásticas. Como bons artistas são responsáveis por desenhar e confeccionar os cajados. Eram eles que ajudavam meu pai no trabalho de elaborar, arrumar os cajados e as lanternas. Os cajados são feitos com madeira, compensado, papel laminado e muito brilho, neles são penduradas quatro lanternas com velas acesas.





Hoje a família Rosa Menina já tem mais pessoas encarregadas pela organização, Bruno, Alisson, Lucas, Marquinhos, Augusto, Samuel e Tiago, também estão atentos e dedicados a essa tarefa. São eles quem “recrutam” os meninos para carregar os cajados, orientam e disciplinam os carregadores, além de cuidar para que os cajados e as lanternas não se quebrem, ou fiquem esquecidos na rua. Cabe a Bruno e Tiago a responsabilidade de substituir os meninos carregadores durante o percurso para evitar que sejam sobrecarregados. Tiago e Samuel também ajudam o pai (Geraldo) e João a confeccionar e recuperar os cajados. Aliado ao trio de artistas ainda tem Gabriel que é o responsável pela conservação dos cajados, é ele quem os arruma dentro do ônibus com todo cuidado para não danificar. Hoje Gabriel exerce a profissão de motorista e é quem faz a condução do Terno para as festas.



Como se vê no Rosa Menina cada um tem sua função. Ainda fazem parte da organização as cunhadas Bernadete, esposa de Geraldo, e Isabel, esposa de Gabriel, que são responsáveis pelos lanches. Raimunda, esposa de Márcio, faz parte do quadro de músicos, Lindinalva, noiva de João, ajuda na sonorização de palco e Cecília, esposa de Francisco, recém chegada, está ajudando na criação do memorial do Rosa Menina, além de ajudar no apoio logístico. Neste Terno de família grande é impossível chegar e não arrumar logo uma ocupação, impossível também é entrar para essa família e não se apaixonar pela rosa é o que dizem minhas cunhadas. Mas não fica só entre as cunhadas a parte da organização, quem vai chegando, vai se enturmando, assim é com Neta, noiva de Bruno, Cintia, esposa de Alisson, ex-componente do Terno, atualmente ajudante, Rogério, esposo de Efigênia, Jeanderson e Jorge já protagonizaram os três Reis, aliados a eles ainda vem Edinha, Eliete, Mara, Josilda, Eliene, Nilsinho e Érico que ajudam na parte de animação.

## **Como surgiram as lanternas**

Durante a década de 1940 não havia iluminação pública na maioria das cidades brasileiras e em Salvador não era diferente, poucos bairros possuíam iluminação. Os Ternos tanto da capital como do interior desfilavam nas ruas



carregando tochas. Aí Silvano inovou e passou a confeccionar pequenas lanternas feitas com madeira, arame, papel celofane e recortava as latas de leite para fazer o encaixe das velas. A ideia deu certa e ficou tão bonito que mesmo hoje com toda a iluminação que tem nas ruas, o Rosa Menina continua levando seus cajados com lanternas e velas acesas, isso dá um charme todo especial

Levar um Terno para rua não é fácil, é muita responsabilidade, é necessário muito amor para não desanimar e desistir. Exige muita disciplina e organização, Isabel, Geraldo e Francisaco são responsáveis pela direção musical e artística do Terno. João é responsável pelo som e iluminação e Efigênia pela parte da contabilidade, além do apoio logístico na rua.



Francisco é quem puxa o Terno junto com Geraldo e Isabel e é quem faz a locução; e eu sou a Porta-estandarte, o que não deixa de ser uma grande responsabilidade. D. Luiza, minha mãe, ajuda ensaiar o Terno, costura parte das roupas

Uma das recordações que trago da minha infância é a do meu irmão Fulô soltando fogos. Fulô era encarregado de anunciar a chegada do Rosa nas festas, e ele assumia este compromisso com todo entusiasmo. Ninguém se atrevesse a mexer naqueles fogos. Fulô sempre brincalhão e gozador, de vez em quando se metia em uma confusão, isso deixava meu pai bastante aborrecido, mas no fim tudo terminava



bem. Mesmo porque enquanto estava investido do cargo de fogueteiro, ele era disciplinado e disciplinador, não admitia bagunça durante o seu trabalho. Ultimamente Fulô não está participando diretamente do Terno, contudo sempre que é chamado, está ali pronto para ajudar. Curioso é que apesar de ter três filhas, nenhuma delas se interessou pelo Terno, ele é o único dos irmãos que não teve nenhum filho saindo no Terno.

Silvaninho, sempre foi mais reservado, carregou cajado quando jovem e depois que casou ficou com a incumbência de tomar conta da casa e ajudar distribuir o lanche. Assim que o ônibus chegava ele carregava os cajados um a um e colocava nos ônibus junto com Gabriel. Silvaninho era incentivador do Terno e se orgulhava em dizer que nasceu no ano que o Terno foi fundado, por ironia do destino ele faleceu no dia da Festa de Reis. Saudades irmão!

Minha irmã Conceição foi jardineira e depois cigana, era nela e em Maria José, Rosilda, Eliene e Valdira que eu me espelhava para ser uma boa cigana.

Quando era criança as tampas das panelas viravam pandeiro, ninguém se atrevia a brincar com os pandeiros do Terno, então o jeito era treinar com o que tinha. Mas, muitas vezes, Conceição e Maria José deixavam os pandeiros no quarto e eu entrava sem ser percebida, pegava o pandeiro e saía tocando. Ser cigana do Rosa Menina era o sonho de todas



as meninas, muitas já se inscreviam no Terno pedindo para ser cigana e nem sempre conseguiam realizar o desejo, não basta querer, tem que ter também aptidão para desenvolver a tarefa das ciganas. Conceição costuma dizer que o Rosa nunca mais vai ter ciganas como as de sua época. Suas filhas Deise, Denise e Simone também trilharam o caminho da mãe e deram show tocando pandeiro. E como boa cigana a música preferida da minha irmã mais velha é o Quero ver (Cigana nº 02).

Muitas pessoas ficaram pelo caminho, mas continuam sendo lembradas pela colaboração que deram ao Terno. Uma delas é a minha cunhada Valdete. Ela não dispensava trabalho. Geralmente chegava três dias antes da festa e não parava. Lavava as roupas, passava, pendurava todas no cabide, devidamente identificadas, para quando as meninas chegassem se arru-





mar e não tivessem trabalho algum. Ela sempre contava com a ajuda de Rosilda nessas arrumações. A realização dela, no entanto, foi quando as filhas Andrea e Aline passaram a sair no Terno, cedo ela estava separando as roupas, anáguas, castanholas e arranjos de cabelos das meninas. Eu dizia para ela que não tinha esta necessidade, pois havia roupas e castanholas para todas e ela respondia: “Vai que some alguma castanhola ou chega mais alguém de última hora, melhor mesmo é prevenir, imagine se eu vou deixar as meninas fora do Terno”.

## NEM SÓ DE GLÓRIAS VIVEM OS TERNOS DE REIS



Além das alegrias e saudades, guardo também muitas recordações tristes na trajetória do Terno. Quantas vezes chegamos à Lapinha ou ao Bonfim, e além de não ter uma aparelhagem de



som, palanque e iluminação ainda tinham as barracas que não respeitavam a apresentação, não tínhamos como cantar, pois ninguém ouviria. Quantas vezes voltamos para casa frustrados.

Mas muito pior que a frustração de não poder cantar para o público, era ver o Terno arrumado, ensaiado, cajados prontos, e o ônibus que não vinha. Nunca vou esquecer as vezes que vi as lágrimas nos olhos do meu pai, quando mandava que todas as meninas retirassem as vestimentas, porque o ônibus não vinha mais. Eu sentia uma dor tão grande, nem era tanto por ter sido impedida de me apresentar, mas pela tristeza e decepção que eu via nos olhos do meu pai, essa era a dor que doía mais. Depois ele retirava o terno branco, impecavelmente engomado por mamãe Braulina, sentava na varanda e ficava horas olhando o vazio.

Graças a Prefeitura Municipal de Salvador, através da Secretaria de Turismo, nos últimos anos a festa da Lapinha teve uma pequena melhora, mas ainda não chega ao brilho dos anos de glória dos Ternos de Reis. Atualmente os Ternos estão participando também do Natal do Pelourinho, não deixa de ser um caminho para a valorização, mas ainda falta muito.

## **O bolero da Porta-estandarte**

Sempre soube que meu pai era uma pessoa iluminada, ou melhor, é uma pessoa iluminada, pois continua sendo em



outro plano. As músicas que ele compôs ao longo de sua vida, são letras e melodias que tocam o coração da gente. Desde pequena, quando não podia sair no Terno, eu ficava ouvindo o ensaio da janela do meu quarto, às vezes vovó (dindinha Rita) me lavava para assistir os ensaios, mas na maioria das vezes ouvia mesmo era da janela do quarto. Aprendi desde cedo as letras das músicas e acho que mesmo antes de saber ler e escrever eu já sabia tocar pandeiro e castanholas, mas isso não é privilégio só meu, na família Rosa Menina é assim, todas as filhas aprendem desde cedo tocar pandeiro e castanholas e todos os filhos aprendem a confeccionar os cajados.

Da minha janela eu ouvia os cânticos, tocava pandeiro com uma tampa de panela e cantava. Desde pequena tinha uma música entre tantas outras do Terno que mais me emocionava quando ouvia, é o Bolero de Agradecimento. Acredito que nenhuma Porta-estandarte tenha passado por este Terno sem amar essa música, ela é uma versão de uma música antiga e lembra na sua letra de agradecer àqueles que patrocinam as nossas festas.

Algumas vezes, quando terminava a apresentação e a gente descia do palanque sem cantar o bolero, me dava uma tristeza muito grande, e uma sensação de que ficou faltando alguma coisa, faltou o principal. Mas eu entendia o meu pai, muitas vezes o descaso dos nossos governantes com a cultura do nosso estado era



tão grande, que não valia à pena agradecer. Em várias ocasiões não tinha transporte, em outras não tinha som, palanque, iluminação. Quantas vezes eu vi a decepção estampada no rosto dos meus pais, porque trabalhavam durante todo o ano, com toda a dedicação, amor e determinação de fazer sempre o melhor e quando chegava na Lapinha, principalmente na Lapinha, não tinha nada, som, palanque, iluminação. O que se via eram várias barracas com seus potentes sons em volume altíssimo. A falta de respeito com os Ternos era tão grande que, mesmo as pessoas mais próximas da igreja não conseguiam ouvir e muitas se retiravam do local revoltadas. Muitas vezes nós paramos na porta da igreja da Lapinha, eu olhava o rosto do meu pai e via aquela expressão de tristeza e decepção, ele então mandava os músicos tocar o cântico dos Reis e em seguida a Marcha nº 04 e nós íamos embora, sem nos apresentar, as pessoas ficavam protestando, dizendo que tinham ido para ver o Rosa Menina, que era uma falta de respeito com o público, e mesmo sob protestos nós íamos embora.

Não era só uma apresentação que ficou frustrada, eram meses de trabalho, ensaios, dedicação e ansiedade que eram jogados no lixo em poucos minutos e nessas horas a gente não tinha mesmo a quem agradecer, somente a Deus, e retornávamos para casa. Muita gente não entendia por que meu pai agia assim, mas nós que somos o Rosa Menina, sabíamos muito bem o que se passava naquele coração, pois nós somos um só coração, pai, mãe, filhos e netos e um



único objetivo mostrar ao público o fruto do nosso trabalho, o resultado da nossa dedicação, da nossa união e nesses dias não tínhamos mesmo que cantar o Bolero de Agradecimento, não tínhamos a quem a agradecer. Aliás, o público, este sim era quem merecia nosso respeito e os nossos agradecimentos por estar ali, se esforçando para ouvir um refrão, uma música, eles mereciam nossos agradecimentos pelo respeito e o carinho que nos dedicavam, e é para esses admiradores declarados ou anônimos que nós cantávamos assim:

### **Bolero de Agradecimento**

Vamos todas pastorinhas

Nesta noite de natal





Vamos ver o bom Jesus  
Que nasceu pra nos salvar  
Hoje é noite de Reis,  
Grande noite de alegria,  
Vamos louvar ao menino,  
Vamos louvar ao menino  
Filho da Virgem Maria.

Vimos hoje com muito prazer  
Cantar louvores a José e Maria  
Cumprindo assim com o nosso dever  
Cantemos todas neste grande dia  
Com o estandarte da Rosa Menina  
Que simboliza esta nossa união  
Peço a Jesus a graça divina  
E a benção para nossa salvação  
Agradecemos em nome da Rosa  
Aos Diretores dos festejos deste ano  
Peço a Maria, a mãe amorosa,  
E ao nosso Bom Jesus, o soberano  
Que para todos desta cidade  
Sempre derrame sua benção e sua luz  
Para que tenham a felicidade  
E as graças do seu filho Bom Jesus.

## DOR, SUPERAÇÃO E CORAGEM

No ano de 1996 meu pai foi acometido por um grave problema de saúde, devido a má circulação ele teve que amputar uma das pernas, foi um momento de muita dor para todos os familiares. Quando recebemos a informação do médico da necessidade de amputação, entramos em pânico, como dar uma notícia desta a uma pessoa, o que dizer a alguém que vai entrar para uma sala de cirurgia e sair de lá sem um membro? Principalmente quando esse alguém é o nosso pai.

Entramos no quarto, eu, meu cunhado Inácio e minha mãe, a cada palavra nossa eu via desenhada a tristeza e o sofrimento no rosto daquele idoso de 82 anos. Inácio lhe falava das





novas tecnologias para quem tem um membro amputado, de como hoje em dia existem próteses que substituem esse membro. Eu tentava lhe confortar dizendo que nós estávamos do seu lado, mas a dor continuava estampada na sua face. Foi aí então que surgiu a iluminação, o Mestre Jesus que tantas vezes havia iluminado o Mestre Silvano, agora mandava um anjo para falar em meu lugar; foi então que comecei a lhe falar do Terno, de como era importante que ele se recuperasse logo para voltar aos ensaios, falei que com as novas tecnologias ele não iria ficar impossibilitado de continuar conduzindo seu Terno de Reis à Lapinha. Nesse momento vi que seus olhos começavam a brilhar. Inácio também notou e enfatizou as minhas palavras, falando de um amigo que perdeu a perna em um acidente e que continuava vivendo normalmente, disse que esse rapaz andava com sua prótese... e até o nome do cantor Roberto Carlos surgiu na conversa. Eu via que a possibilidade de retornar as atividades com seu Terno davam novo ânimo ao meu pai, quando nos despedimos ele apenas falou: “Seja como Deus quiser”. A sua face já apresentava um pouco de serenidade, a dor continuava, mas a expressão era de fé.

No dia seguinte, após a cirurgia veio a confirmação que a perna teve mesmo que ser amputada, todos nós desabamos, aquela confiança que eu tentei passar para meu pai, me abandonou, entrei em desespero junto com meus irmãos, uma



dor que só foi superada com a dor da sua partida para junto do Mestre Jesus.

À tarde voltei ao hospital junto com minha cunhada Detinha e ao invés de encontrar uma pessoa infeliz, encontramos um homem disposto a recomeçar, a dor deu lugar a esperança e foi ele mesmo quem nos confortou e disse que não seria necessário a gente passar a noite no hospital, pois estava se sentindo melhor e não via a hora de voltar para casa para retomar os ensaios do Terno. Mais aliviada voltei para casa e constatei que não fui eu quem falou todas aquelas coisas para o meu pai, eu não teria capacidade para tanto, acredito que foi um anjo do senhor quem proferiu as palavras por mim, pois assim que deixei o quarto e meu pai entregue aos médicos desabei num pranto de dor. Mas a recompensa veio depois, no dia 05 de janeiro lá estava ele, todo de branco, apoiado em duas muletas, conduzindo feliz o seu Terno à Lapinha, apenas três meses depois da cirurgia.

Como de costume o Terno foi bastante aplaudido, mas desta vez os aplausos não eram só para o Terno, era para aquele senhor determinado, corajoso, que nunca se abateu com as adversidades da vida e isso tudo que sempre fez de Silvano um grande vencedor.

## DEDICAÇÃO E AMOR



O Terno Rosa Menina, para o meu pai, sempre significou muito mais que diversão. Ele tratava o Terno com devoção e quando se aposentou passou a ser também uma forma de terapia. Acostumado ao trabalho desde menino ele certamente



sentiria a falta deste, e talvez até deprimisse, como ocorre com várias pessoas. Para o meu pai, no entanto, a aposentadoria lhe deu mais tempo para se dedicar ao seu Terno. Ele que sempre aproveitava os horários disponíveis para confeccionar os cajados e os instrumentos, passou a ter mais disponibilidade para isso.

Meu pai sempre foi muito exigente e perfeccionista, ele levava dias para aprontar um cajado, mesmo contando com a ajuda dos filhos e por mais que os meninos se esforçassem, o detalhe final tinha que ser dele, por isso gastava mais tempo nessa tarefa.

Além de confeccionar os cajados e as lanternas, era ele também que fabricava os instrumentos usados no Terno. Tinha muita facilidade em lidar com as artes plásticas. Ele cortava espelho com a mesma facilidade que cortava papel laminado e o fato de ser marceneiro também contribuía para trabalhar com madeiras, por isso os cajados do Rosa Menina eram confeccionados com estes materiais: madeira, vidro, papel, areia prateada e cola.

Meu pai não demorava mais de dois anos com o mesmo cajado, todo ano ele renovava as alegorias, alguns ele apenas reformava, porque eram tradicionais, como o que levava o nome do Terno e o que levava a família de Nazaré. Os outros ele modificava ou vendia para outros Ternos. Era ele quem



comprava o material dos cajados, analisava os desenhos feitos pelos filhos e os transformavam em alegorias. Mas não era só dos cajados que ele se encarregava, os pandeiros, ganzás e castanholas também eram feitos por ele. Na realidade, ele passava o ano inteiro trabalhando pelo Terno, até mesmo os instrumentos de percussão era ele quem fabricava, como também as cestas das floristas, nossa casa sempre foi uma verdadeira oficina. Os filhos ajudavam e aprendiam a arte.



As roupas do Terno eram de responsabilidade da minha mãe, era ela quem escolhia os modelos e costurava, mas não fazia isto sozinha, meu pai ajudava a escolher os tecidos, as estampas e se preocupava com cada detalhe.



As roupas do Rosa Menina e da Porta-estandarte tinham que ter muito brilho. As ciganas eram bastante irreverentes e alegres, então os tecidos tinham que ter estampas bem coloridas. As espanholas mais recatadas e charmosas necessitavam de tecidos com estampas mais leves, e as floristas com seus trajes de festa precisavam de tecidos lisos, com pouco brilho. As



castanholas eram feitas com madeira de jacarandá; para os pandeiros eles compravam as rodas de madeira, o couro e as rodinhas ele mesmo fazia com pedaços de latas de alumínio, mesmo sem saber, ele já colaborava com o meio ambiente reciclando o material utilizado.

Enquanto os filhos ajudavam nessa arte, as filhas eram encarregadas de enfeitar os pandeiros, castanholas, ganzás, bordar e fazer colares e pulseiras.

Nas cestas de flores ele prendia uma a uma as flores,



com todo cuidado para que a distribuição fosse igual para todas e sempre deixava duas ou três cestas prontas, para o caso de aparecer alguma florista de última hora.

Falando nisso, meu pai era muito rigoroso, não tinha a tolerância que nós temos hoje. Ninguém aparecesse de última hora para sair que ele não deixava, a não em casos de raras exceções. Assim ele já tinha noção de quantas moças ele ia colocar no Terno, quando encerrava a inscrição nem fazendo promessas para santos entrava no Terno.

Outra coisa que ele não admitia era faltar aos ensaios. Ele não perdoava, nem mesmo as filhas, meu pai sempre foi muito radical, talvez por isso fosse tão respeitado. As meninas que saíam no Terno tinham compromisso, porque elas sabiam que com Silvano não tinha mais ou menos, era sim ou não. Assim, elas iam a todos os ensaios, procurando justificar sempre as faltas para não ser cortadas, e como ninguém queria ficar de fora do Terno, todas se tornavam disciplinadas.

As únicas exceções eram as meninas que moravam longe, dependiam de transporte coletivo e trabalhavam ou estudavam à noite, essas ele perdoava. Meu pai podia até ser radical e exigente, mas era acima de tudo muito humano, ele ajudava muito as meninas do Terno, pagava a passagem das que vinham de outros bairros, comprava sapatos para



as que não tinham condições, assumia as despesas das mais carentes, mesmo com toda dificuldade, ele nunca negou ajuda a ninguém que o procurasse. As meninas que não podiam vir durante a semana, vinham ao sábado ou domingo, porém no ensaio geral todas tinham que estar presentes e aí não tinha desculpas.

Os ensaios começavam religiosamente às 20:00 e terminava por volta das 22:00. Havia disciplina até mesmo na organização dos cânticos, começava com o cântico dos Reis, seguido da Chula, depois o Hino de Adoração, Noite de Natal, Cântico da Rosa, Jardineiro, Espanholas, Bolero das Ciganas, Valsa da Porta-estandarte, Cigana nº 02 (quero ver), Samba das Baianas, Rumba e o Bolero de Agradecimento. Depois vinham as marchas numeradas, nº 01 (Eu vi no céu), nº 02 (Que alegria ou Vamos companheiras), nº 03 (Vamos a Belém Pastoras) e por último a marcha nº 04 (reunidas). Depois as meninas recitavam os versos e aí encerrava com o Hino do Terno e o Hino do Senhor do Bonfim.

Acharam que isso era suficiente? Para o Mestre não. Quando começavam os ensaios as componentes se colocavam em fila indiana obedecendo as posições. Primeiro as baianas, seguidas das espanholas, camponesas, ciganas e por último as floristas. No meio ficavam: a Estrela Guia, os Três Reis, Rosa Menina, o Jardineiro e a Porta-estandarte com seus dois



guardas. Depois que terminava o cântico do guia, ele dava dois apitos e a arrumação era modificada, de um lado as baianas, espanholas e ciganas e do outro lado as camponesas e as floristas e ficavam assim até o bolero de agradecimento, aí ele dava mais dois apitos e todas retornavam a posição de origem para cantar as marchas e os hinos.

Ele fazia esse tipo de organização para que as meninas entendessem que a arrumação da rua não era a mesma do palanque e que elas precisavam aprender a dançar com o Terno em movimento, porque durante o desfile na rua precisavam andar, dançar e tocar muito.

Os ensaios eram realizados três vezes por semana, terças, quintas e sábados e às vezes no domingo à tarde, geralmente os ensaios de domingo eram para as que estavam com mais dificuldades.

Quando chegava o mês de dezembro, os músicos eram convocados para os ensaios das quintas-feiras. Meu pai sempre falava que os músicos só precisavam se fazer presentes quando o Terno já estivesse pronto.

Quem conheceu Silvano e teve a oportunidade de assistir pelo menos um ensaio do Terno pode recordar de uma frase que marcou os ensaios do Terno. Quando as meninas estavam desanimadas, e sem muita entoação, ele gritava “abre a boca diabo”;



essa frase se tornou tão constante que passou a ser folclórica, nós componentes do Terno já cantávamos baixo ou ficávamos caladas só para ouvir meu gritar e aí todo mundo caía na risada. Quando se fala do Terno com as antigas componentes e perguntam o que mais marcou sua saída no Terno, todas riem e dizem que era quando seu Silvano gritava: “abre a boca diabo”.

E essa era a nossa rotina nos meses de setembro a janeiro, ensaiar, bordar, enfeitar pandeiros e castanholas e ainda tinha que sobrar tempo para as tarefas domésticas.

Uma coisa que sempre me chamou a atenção era a dedicação do meu pai e a consciência que ele tinha com as dificuldades que enfrentávamos com o Terno. Quando a gente bordava os boleros e aventais, deixávamos cair muitas lantejoulas e vidrilhos no chão. À noite quando a gente encerrava o bordado, ele pegava uma vassoura varria tudo e catava o que a gente deixava cair para evitar os desperdícios.

No dia 05 de janeiro, por volta das 17:00 ele já estava se arrumando, vestia o traje branco engomado por mamãe Braulina, detalhe, só ela engomava o traje dele, e ficava esperando as meninas chegar. Minha mãe, nós, as filhas e Célia ajudávamos a arrumar as meninas e quando todas estavam prontas ele descia e saía distribuindo as cestas, os pandeiros e as castanholas, devidamente arrumadas.



As ciganas usavam sandálias pretas, baianas e floristas sandálias brancas, espanholas e guardas, sapatos pretos, Porta-estandarte e Rosa Menina sapatos brancos. Depois de um tempo, nós começamos a inovar e passamos a usar sapatos dourados e prateados para a Porta-estandarte e a Rosa Menina. Meu pai gostou da inovação, aliás, ele sempre aceitava as opiniões dos filhos, era uma pessoa com a cabeça aberta a novas ideias, contanto que não fugisse à tradição.

Hoje, entendo perfeitamente porque meu pai era tão disciplinador e exigente, ele jamais admitia que qualquer componente brigasse entre si ou desrespeitasse minha mãe ou alguma das diretoras, era cortada do Terno na hora e não tinha acordo, isso fazia com que as pessoas o respeitassem e admirassem.

Jamais uma menina saíria no Terno usando sandálias de borracha, mal vestida, sem acessórios, ele era detalhista e prestava a atenção em tudo.

É por tudo isso que o Rosa Menina chegou onde está, o reconhecimento do público e da imprensa não foi por algo que começou ontem. O Rosa Menina foi construído ao longo de 68 anos e se hoje somos mais permissíveis que o meu velho, é por causa das dificuldades que temos de enfrentar cada vez mais para colocar o Terno na rua.



Hoje, por tudo que já foi exposto, procuramos ser mais tolerantes com as meninas, mas não abrimos mão da disciplina, esse foi o legado deixado por nosso pai, diversão com responsabilidade e isso tem funcionado muito bem.

Temos consciência que devemos muito aprender e melhorar, não atingiremos a perfeição, mas estamos caminhando para que o Terno Rosa Menina seja sempre motivo de orgulho de todos que amam e admiram o Rosa que sempre será Menina.

## E O QUE É TERNO DE REIS?



A tradição do Terno de Reis foi trazida para o Brasil na época da colonização. Relembra a visita que os três Reis Magos fizeram a Família Sagrada, quando do nascimento de Jesus. Conta



a história que os Reis Magos Baltazar, Melchior e Gaspar se deslocaram a Belém, guiados por uma estrela, e encontraram Jesus em uma manjedoura. Eles levaram de presente para o menino Jesus ouro, incenso e mirra. O ouro significa a realeza, o incenso a pureza e a mirra a imortalidade. Foi assim que surgiu a tradição de se dar presentes no Natal.

Em alguns lugares a Festa de Reis tem início no dia 25 de dezembro, quando os grupos começam a desfilar pelas ruas, visitando as casas, relembrando a caminhada dos Reis Magos e só termina no dia 06 de janeiro. Em Salvador, no entanto a festa é realizada no dia 05 de janeiro, na frente da Igreja da Lapinha.

Em alguns lugares do interior do Brasil o Terno de Reis é composto por cerca de 12 homens, que saem pelas ruas vestindo roupas bastante coloridas e tocando instrumentos de corda e percussão, visitando as famílias e de casa em casa cantam reverenciando os donos da casa e a Família Sagrada. Depois de serem servidos com comidas e bebidas se despedem cantando uma música de retirada. Muitas vezes, o encerramento da festa no dia 06 de janeiro é feito com a encenação do nascimento de Jesus.

A história conta que a tradição de Ternos de Reis foi trazida para o Brasil pelos jesuítas com o objetivo de catequizar os índios e os negros escravizados, nos meados do século XVI, a tradição de Reis era comemorada em toda a Península



Ibérica. As pessoas por tradição davam e recebiam presentes como forma de lembrar a visita dos Magos.

A Festa de Reis cresceu e se desenvolveu tanto que em alguns países tornou-se tão importante que somente era superada pelo Natal, porém, há alguns anos a Festa de Reis vem perdendo espaço na cultura baiana. No interior do Espírito Santo e na cidade de Jequié/BA acontece anualmente o encontro nacional de Ternos de Reis e este encontro reúne cerca de noventa grupos de várias regiões do Brasil.

Em Salvador, a Festa de Reis já não é tão valorizada, ela acontece no Largo da Lapinha, no dia 05 de janeiro. Infelizmente os Ternos de Reis entram em uma disputa desleal com os sons das barracas e os grupos de pagode que se estendem por toda a área delimitada para os Ternos.

Ao fundar o Rosa Menina, meu pai se aprofundou muito no assunto, durante os ensaios ele dava verdadeiras aulas sobre a cultura de Reis, com todos esses detalhes, explicava com paciência o por quê de cada figura do Terno, a estrela que guiou os Magos, o jardineiro que é para cuidar da rosa, as floristas que representam os pastores, as espanholas como forma de homenagear a Europa e as ciganas como homenagem ao Egito. Segundo meu pai, as ciganas dão colorido e alegria ao Terno. Quando terminava a explicação ele perguntava se todas haviam entendido, para que não ficassem mudas quando



fossem inquiridas por alguém e principalmente por um repórter.

Não sei como foi que essas informações chegaram até ele na década de 40, visto que nem mesmo escola ele frequentou, mais sua sabedoria e curiosidade sempre foram determinantes para conquistar o que foi negado pelos livros. Ao falar de Terno de Reis meu pai demonstrava saber exatamente o que estava falando e por que estava fazendo, não era uma coisa aleatória tipo fazer porque os outros fazem ou simplesmente por achar bonito. Ele era um profundo conhecedor da cultura de Reis, desde a sua origem ao seu objetivo principal. Por isso compôs músicas que falam em adoração ao menino Jesus e sempre o trata como “salvador”.

Quando passava essas informações para os filhos ele pretendia que cada um, se desejasse seguir com a tradição, não fosse mais um ignorante fazendo Terno de Reis, mas que tivesse consciência da responsabilidade com o que estava se propondo a fazer.

Isso foi determinante para construção desta obra, trazer a todos o aprendizado que adquiri ao longo da minha vida com meu Mestre. Informar a todos que leem este livro, que muito mais que uma festa do folclore brasileiro, ou um grupo de moças e rapazes dançando e tocando, o Terno de Reis tem sentido religioso, está diretamente ligado ao nascimento de Jesus Cristo. A louvação é feita através da música e das danças.



O colorido e os brilhos de suas vestimentas representam alegria pela vinda do nosso salvador.

As músicas do Terno seguem os ritmos da valsa, marcha rancho e bolero e abrimos exceções para o samba e a rumba, isso é determinante para que muita gente diga que Terno de Reis é coisa de “velho”, talvez porque no Terno, pelo menos no Rosa Menina não tenha espaço para outros ritmos, pois a inclusão deles nos Ternos quebraria a tradição, o Terno de Reis perderia sua identidade. Pensando assim é que no Rosa Menina não foi feita nenhuma alteração do que nos foi passado pelo Mestre Silvano. Continuamos mantendo tudo conforme nos foi ensinado pelo nosso amado pai.





O que nós procuramos é aperfeiçoar o que ele deixou, como por exemplo, as lanternas que foram modernizadas por Geraldo e os tons das músicas que foram reduzidos por Márcio. Como bom seguidor de Silvano e preocupado em sempre melhorar, Geraldo confeccionou novas lanternas com tampas. Durante anos ele observou que durante o trajeto muitas velas são apagadas pelo vento, e por muito tempo foi assim, acendia um cajado o outro apagava, então meu irmão criou recentemente lanternas com tampas que impedem o vento de apagar as velas.

A sabedoria de meu pai foi nas áreas da música, da cultura e das artes plásticas e devidamente herdada pelos filhos.

## NOSSO TERNO

Desde a sua fundação que o Terno Rosa Menina sempre teve como referencial a organização e a qualidade, o Mestre Silvano sempre dedicou muita atenção às suas criações, cada detalhe, cada pormenor era visto por ele. Muitas coisas que passavam despercebidos aos nossos olhos ele enxergava longe, tinha olhos clínicos. Ao fundar o Rosa Menina, ele não estava fundando só





mais um Terno de Reis, era o reflexo da sua vida, era um Terno que vinha para ser exemplo. Cada alegoria do Terno tem uma história, cada ala tem seu significado, assim como as componentes. Existe no Terno uma música para cada grupo, como foi apresentar às páginas anteriores, as ciganas têm sua própria música e nessa hora somente elas dançam e apresentam sua coreografia, assim como as espanholas, o Rosa Menina, o guia, o jardineiro e a porta-estandarte, cada uma tem a sua hora de dançar e cantar e nesse espaço quero apresentar para você, caro leitor, o tradicional Terno Rosa Menina. Começando pela ornamentação.

## Os carregadores de cajado

O Terno Rosa Menina tem aproximadamente 60 componentes entre dançarinas, carregadores de cajado e músicos.





Os carregadores de cajado, chamados carinhosamente de “Os meninos do cajado”, são jovens com idade entre 14 e 25 anos que têm como função carregar as alegorias acompanhando junto as meninas que dançam e cantam. Eles seguem uma orientação e são altamente disciplinados, sabem onde cada cajado deve ficar e a hora exata de andar e parar; sabem que deles dependem o brilho externo do Terno, são meninos dedicados, não são remunerados para esta função, fazem isso com total dedicação.

## **Os músicos**

A orquestra do Rosa Menina é formada por 13 músicos, sendo 06 de instrumento de sopro, 2 de percussão, 2 de corda, 1 teclado e 1 pandeiro.





Quase todos os músicos estão no Terno há muitos anos, e conhecem todas as músicas do Rosa. Atualmente quem coordena a orquestra é Carlinhos e quem é o responsável pelos cânticos é Márcio. Há anos atrás, os ensaios eram feitos com a presença da orquestra, mas atualmente, por causa da dificuldade financeira, os ensaios são realizados apenas com o teclado e os instrumentos de percussão.

### **As dançarinas**

O Terno Rosa Menina tem aproximadamente 45 dançarinas, divididas em alas, cada uma com uma função específica, são ciganas de pandeiro e ganzá; os reis, baianas;



espanholas; a Porta-estandarte; a Rosa Menina, o jardineiro; a Estrela Guia; os guardas de honra da Porta-estandarte; as camponesas e as floristas, todas são chamadas de Pastoras; a Rosa Menina, as Espanholas e o Jardineiro são figuras exclusivas do Terno Rosa Menina. As ciganas e espanholas, além de cantar e dançar tocam instrumentos, pandeiros, castanholas e ganzás; as floristas e camponesas carregam cestas de flores. Os componentes do Terno são dedicados, responsáveis e saem no Terno por amor, porque não recebem nenhuma remuneração para isso. Estão sempre dispostos a atender um chamado do Terno e fazem o melhor para dar ao Rosa Menina o brilho que ele sempre teve. Palmas para todos! Eles merecem!





## Os cânticos

O Terno Rosa Menina tem muitos cânticos alguns ainda são tocados e outros meu pai deixou de cantar porque achava desnecessário ensaiar muitas músicas, pois o tempo de apresentação é pouco. Antigamente tinham apresentações na Lapinha, Bonfim, Praça da Sé, Rio Vermelho, Itapoã e Pituba, então meu pai ensaiava mais músicas para variar as apresentações, mesmo porque muitas vezes eram duas apresentações na mesma noite.

Depois que as outras apresentações foram extintas e só ficou a Lapinha e Bonfim, ele reduziu o número de músicas e de vez em quando substituía alguma. Também deixou de compor. A última música que o meu pai compôs foi o Bolero das Ciganas, esta música é uma versão, não sei dizer o nome da música original e nem seu compositor, por isso não registramos algumas dessas músicas. A maioria delas ele compôs há muitos anos atrás desde a fundação e outras ele compôs no decorrer dos anos. Todas são muito bonitas. É uma pena não podermos tocar todas as nossas músicas nas nossas apresentações, algumas delas, nem mesmo os componentes mais novos do Terno conhecem.

### **Cântico do Jardineiro**

Vem brincar meu jardineiro  
no jardim de belas flores



colher cravos e rosas  
pra ofertar a esses pastores.

Eu sou pequeno jardineiro  
que a Jesus venho adorar  
trazendo a Rosa Menina  
para o povo apreciar (repete).

Boa noite meus senhores  
eu já vou me retirar  
o Rosa Menina saudoso  
para o ano voltará.

Valsa da Porta-estandarte  
vamos pastorinhas, vamos adorar  
a Deus Menino que veio nos salvar.

Vamos adorar com amor e harmonia  
bem perto do presépio aonde nasceu o messias  
é noite de natal e noite de primor  
vamos louvar a Maria, a virgem mãe  
do Salvador.

Vamos pastorinhas é noite de natal  
o Rosa Menina saudoso para o ano voltará  
cantemos com alegria e amor no coração  
Jesus Filho de Maria nos dê a sua bênção.



### **Bolero da Porta-estandarte**

Salve nesta noite tão bela que tanto prazer nos dá  
Salve aquela linda estrela que longe se vê brilhar  
Ela guia os pastores e quem quiser adorará Jesus  
O filho de Maria que nasceu pra nos salvar  
Eu já vou me retirando, não posso mais demorar  
Jesus o Salvador do mundo queira nos abençoar.

### **Samba do Jardineiro**

Entramos nesse jardim,  
nós viemos passear  
trazendo o jardineiro  
para a rosinha vir molhar.

Eu sou o jardineiro  
que ando molhando as flores  
colhendo cravos e rosas  
para ofertar a esses pastores.

Eu sou o jardineiro  
desse jardim de ciúmes  
zelo da Rosa Menina  
por gostar do seu perfume.



## **Marcha**

Apareceu no oriente  
uma estrela a brilhar  
uma luz tão resplandente  
que fazia encantar.

Vamos pastoras ligeirinho  
a Lapinha de Belém  
adorar a Deus Menino  
que nasceu pra o nosso bem (repete).

## **Os versos**

Os versos do Terno são poesias criadas pelo Mestre Silvano, aliás, não conheço outro Terno que tenha versos de agradecimento. Essas poesias são recitadas pela menina que representa a Rosa Menina, jardineiro e ciganas.

## **Verso da Rosa Menina**

Queridos pastores,  
Nesta noite de prazer e de alegria sem fim,  
  
Desejo agradecer cumprindo com o meu dever  
O que fizeram por mim,  
Escolhendo a Rosa Menina para ser o vosso amor,



Entre flores elegantes, girassóis e dalias gigantes  
Que tem tanto valor,  
De luzes me vejo cercada,  
Qual leoa enjaulada não é mal viver assim,  
Quando eu voltar da Lapinha  
Com as minhas camaradinhas,  
Tornarei ao meu jardim.

### **Verso do Jardineiro**

Senhores,  
É com imenso prazer  
Que entro neste recinto,  
Não sei dizer o que sinto,  
Tristeza sei que não é,  
Penso ser alegria  
Em ouvir tantas melodias  
Em louvores a Maria  
Esposa de São José,  
Não entendo patavinas,  
Sou um pobre jardineiro,  
Molhando em cada canteiro  
As flores mais perfumadas,  
Aprecio a Rosa Menina,  
As sempre vivas manhosas,



As angélicas tão cheirosas  
E as cravinas matizadas.  
Agora caros senhores,  
Já cantamos os louvores  
A Jesus o rei do judeu,  
Eu peço a Ele mesmo  
Que pela sua divindade  
Que nos dê felicidade,  
Até para o ano. Adeus.

### **Versos das Ciganas:**

1 - A mim chamam de cigana,  
Vim também cantar Hosana  
Ao menino que nasceu,  
Eu gosto muito é de dinheiro,  
Por isso toco pandeiro,  
Este é o interesse meu.

2 - Eu também sou verdadeira,  
Conto a sua vida inteira,  
Presente, futuro e passado,  
Nas linhas das suas mãos,  
Digo mesmo a verdade,  
Da sorte a infelicidade  
Tudo com perfeição.



3 - Estamos agradecidas  
Por este povo querido,  
Nos receber com amor,  
Levamos muitas saudades,  
Pedimos felicidades  
A Jesus o Salvador.

## A TRADIÇÃO NÃO PODE ACABAR

Nas décadas de 1950, 1960 e 1970 os Ternos de Reis viveram seu momento de glória. A festa da Lapinha era uma das festas mais tradicionais e frequentadas pela sociedade baiana, porém, a partir dos anos 80 quando deixou de fazer parte oficialmente do calendário de Festas Populares do estado da Bahia, a festa de Reis sofreu um declínio muito grande. Outro fator que influenciou esse declínio foi a morte de vários fundadores e organizadores de Ternos, os descendentes não se interessaram em dar continuidade à tradição dos seus antecessores, pode-se dizer que não foi por falta de boa vontade, mas sim, por vivenciar as dificuldades que os Ternos enfrentavam e continuam enfrentando para manter-se.

No entanto, o que mais motivou essa decadência foi a falta de incentivo dos órgãos públicos. Os Ternos de Reis não possuem verbas próprias. Hoje a União dos Ternos de Reis só conta com sete Ternos. Estes continuam desfilando na festa da Lapinha, junto com o Terno da Eterna Juventude e o Terno das Flores de Matarandiba.



O Terno Rosa Menina é como um time de futebol, é uma paixão, que só quem teve a oportunidade de um dia participar pode entender o que estou falando. O dia 05 de janeiro nunca é um dia normal lá em casa, é um corre-corre, um entra e sai de gente, de repórteres de televisão, são os últimos preparativos para a apresentação.

Seria muito bom se a cultura de Terno de Reis, em nosso Estado, fosse mais valorizada. Temos consciência que não é um pequeno grupo de lutadores que vai sustentar essa cultura por muito tempo, é necessário que se abra uma janela para que novos Ternos surjam, para que os Ternos do interior tenham condições de vir desfilarem na Lapinha. A Festa de Reis é uma festa bonita, mais precisa de sustentação. Hoje os poucos Ternos são dirigidos por gente jovem que não quer deixar a tradição morrer, pessoas que têm novos pensamentos e precisam do apoio de patrocinadores. Salvador é a capital de todos os ritmos, dos tambores do candomblé, dos afros, do reggae, do axé e dos trios, é a terra da capoeira, do maculelê, das quadrilhas juninas, do samba de roda e por que não dos Ternos de Reis? Esta Cidade mágica tem lugar para tudo e para todos, precisamos de ajuda, estamos gritando por socorro, não nos basta receber uma pequena ajuda financeira da Prefeitura municipal para manter uma tradição, é necessário investir em divulgação, patrocínio, é preciso que a Festa da Lapinha seja dos Ternos, assim como o carnaval é dos blocos e dos trios.



Temos muito boa vontade de continuar levando adiante essa tradição que atualmente está passando de pai para filhos, vamos incentivar os Ternos que ainda desfilam a fazer melhor, vamos dar oportunidade a outras pessoas que queiram fazer seus Ternos; vamos olhar para o interior, mas isso só é possível se os governantes investirem.

Infelizmente a cultura de Reis há muito tempo foi colada em segundo, aliás, em último plano nas intenções dos governantes e das pessoas que cuidam do turismo de Salvador. Terno de Reis não dá retorno. Como se pode ter retorno sem investimento? Os poucos Ternos que ainda restam em Salvador vivem com a cuia na mão, pedindo pelo amor de Deus ao governo do Estado e à Prefeitura que não deixem a tradição morrer.

Há muitos anos que nós estamos fazendo Terno na base do amor e dedicação, porém, amor e dedicação não pagam contas. Músicos não tocam de graça, costureiras não costuram sem pagamento. Os Ternos necessitam ser incluídos nos diversos projetos culturais do Estado. Muitas pessoas nunca ouviram falar de Ternos de Reis e se assustam quando falamos que existe em Salvador a Festa de Reis com desfiles de Ternos. É necessário uma integração entre o poder público e a iniciativa privada, porque só assim conseguiremos retomar o brilho das Festas da Lapinha e do Bonfim.



Não é com dois nem cinco mil reais que se arruma um Terno. Um Terno custa caro e a ajuda que recebemos é mínima. Há muitos anos atrás os Ternos de Reis eram feitos por pessoas pouco esclarecidas e por não terem conhecimento dos seus direitos se sentiam agradecidas pela oportunidade de poder estar ainda ali fazendo seu desfile. E essa falta de informação é que faz com que a maioria ainda se sinta agradecida por receber uma ajuda mínima que não cobre nem mesmo os gastos com conta de luz.

É por isso que Ternos de Reis com tradição como o Rosa Menina sofrem pela falta de apoio, porque muitos acham que verbas para pagar os músicos e o lanche são suficientes para manter a tradição. Mais não é isso que nós queremos. Muito mais do que dinheiro, queremos valorização e reconhecimento, pois se houver esses dois itens, consequentemente a verba também virá. Não é possível que passemos o ano inteiro preocupados com o que podemos “arranjar” para a próxima apresentação. Geraldo e João se esmeram na recuperação dos cajados, pois não temos condições de fazer diferente. A coisa só não é pior porque no Rosa Menina existe ajuda mútua da família, os parentes e os amigos vêm de boa vontade ajudar, pois se tivéssemos que pagar tudo não teríamos condições de confeccionar metade das roupas.



Lembro-me muito bem das vezes que meu pai chamava um de seus filhos na rua e pedia que comprassem um refrigerante ou uma água, pois o que recebia para os gastos com o Terno, não lhe dava o direito de gastar consigo, ainda mesmo que fosse para uma água ou refrigerante. Na maioria das vezes ele colocava do pouco salário que ganhava como servidor público municipal para comprar o que faltava.

Temos certeza que os turistas que visitam Salvador gostariam de conhecer além do axé, os Ternos de Reis, mas estes nunca lhe foram apresentados, até mesmo parte dos solteropolitanos desconhecem a cultura de Reis. Não dá mais para assumir o dever que é do estado, incentivar e manter a cultura de um povo, infelizmente, a situação se inverteu e nós organizadores de Ternos de Reis é que estamos mantendo uma tradição que seria do Estado. A impressão que temos é que estamos impondo a nossa presença na Lapinha e não é isso que queremos. Seria muito bom se os órgãos do governo Estadual e Municipal, incluindo aí Vereadores e Deputados pudessem ter a oportunidade de conhecer os Ternos, de ouvir suas músicas e apreciar suas danças, de conhecer de perto a cultura de Ternos de Reis e nesse momento peço licença para transcrever uma frase que ouvi da Professora Francisca da UNEB “ninguém ama o que não conhece” e essa é afirmativa mais correta que ouvi sobre os Ternos de Reis. É preciso



conhecer para valorizar e principalmente é preciso divulgar para se tornar conhecido.

Quantas vezes eu e meus irmãos colocamos nosso salário para ajudar a compra de tecidos, sapatos, acessórios e materiais para os cajados. Não queremos apenas dinheiro, queremos valorização e reconhecimento, queremos poder chegar ao fim do ano com a convicção que os Ternos de Reis irão desfilhar na festa da Lapinha, que o bairro da Lapinha vai ser devidamente decorado e iluminado para receber os Ternos, não queremos chegar no dia de Reis com a interrogação: será que vamos? E se formos seremos recompensados? Por isso fica o protesto: **A Festa de Reis não pode e não deve acabar.**



## DEPOIMENTOS

### Luiza Cruz do Nascimento

Conheci o Terno Rosa Menina pela primeira vez na festa da Lapinha em 1954, quando eu era responsável pelo Terno Concha de ouro de Pernambuco, passamos um pelo outro na Ladeira da Soledade. Em 1955 o Sr. Silvano veio morar em Pernambuco. Em 1956 ele me convidou para sair no Terno, mas eu não aceitei porque estava de luto do meu avô, neste ano também o Terno não saiu porque o prefeito da época não liberou verbas para os Ternos. Em 1957 saí no Terno pela primeira vez,





como espanhola; em 1958 nos casamos e assim passei a dividir a responsabilidade do Terno com ele. Sempre gostei de Ternos de Reis, a primeira vez que saí em um Terno foi com 04 anos de idade, era o Terno da Espera, depois saí no Terno das Margaridas, Ternos das Barquinhas e depois o Terno das Baianinhas. Quando estava adolescente comecei fazer o meu próprio Terno de 1950 a 1954.

Tenho muita dedicação pelo Rosa Menina e por sua tradição, admiro muito a harmonia deste Terno, suas músicas, as letras e melodias, feitas por um homem simples que nunca frequentou uma escola, aprendeu ler e escrever graças a boa vontade de um amigo chamado Aloísio, que era vizinho e amigo. Mesmo com essa dificuldade, Silvano tornou-se um grande poeta, ele sempre compôs músicas e versos para o Terno e para mim, sua esposa. Os cajados com as lanternas com velas acesas, servem para mostrar o passado, os pastores levavam tochas acesas, por que não existia luz elétrica.

As músicas do Terno que mais gosto são: a Marcha nº 02 (Que alegria), o samba da baiana e a valsa da Porta-estandarte.

É noite de natal, noite de tanto primor,  
Viemos adorar a Jesus Salvador,  
É noite de prazer, noite de tanta alegria  
Viemos louvar ao menino, o filho da Virgem Maria.



Eu sou a Porta-estandarte, que hoje venho cantar  
Na Lapinha de Belém, para Jesus adorar.  
Porque devemos saber que hoje em Belém nasceu  
Jesus o filho de Maria, o grande Rei do Judeu.

Boa noite meus senhores, eu já vou me retirar  
A Rosa Menina saudosa para o ano voltará  
Cantemos com alegria e amor no coração  
Jesus o filho de Maria que nos dê a sua benção.



## Francisco Cruz do Nascimento

Sempre me encantei com o ritmo e beleza do Terno Rosa Menina, porém o que mais me movia era a dedicação e entrega do meu pai para a obra que, mais tarde, o faria reconhecido como **MESTRE DA CULTURA POPULAR DA BAHIA**.

Na década de 60, acompanhei os ensaios realizados em uma pequena sala, no fundo da sua casa principal, localizada à Rua Tomaz Gonzaga, nº. 479, no bairro de Pernambués. Era um pequeno vão de aproximadamente 12m<sup>2</sup>, moças e músicos se espremiavam, mas ensaiavam com vontade e zelo, ali naquele pequeno espaço que eu, meus irmãos e minha mãe ajudamos o mestre a construir. Era um espaço sagrado, onde o Terno ensaiava para depois brilhar nas festas da Lapinha, Praça da Sé, Bonfim, Pituba, Rio Vermelho e Itapuã.

O meu olhar de menino, um daqueles, que tinha o prazer de carregar um cajado (alegoria) e levar o nome do Terno pra fora da comunidade, ficava sem entender como é





que papai não havia frequentado escola, mas conseguia criar letras e músicas tão perfeitas e emocionantes. Ele tinha uma habilidade muito grande com as palavras, com a melodia que nascia de algum “tralá lá” e com o recorte e aplicações sobre o compensado, de onde nasciam os cajados. Tinha um poder de concentração imenso e queria sempre a gente por perto, pra aprender desde o manuseio das ferramentas de carpintaria até o ouvir e aprender as suas músicas divinas.

Muitos momentos marcaram a minha vida na trajetória do Rosa Menina, mas o que mais me emocionou foi quando mostrei para meu pai alguns desenhos que havia feito e que poderiam virar cajado; num gesto afetuoso, ele elogiou os desenhos e me pediu que ampliasse, em seguida, meus desenhos viraram cajados de verdade e foram para as ruas de Salvador compor a alegoria do Terno. Nas ruas, eu não sabia se cantava e acompanhava o Terno ou se ficava olhando meus desenhos materializados pelas mãos do meu mestre.

Todos nós, que tivemos a honra de ter Silvano Francisco do Nascimento como pai, temos a obrigação de mantermos viva essa tradição popular para a qual ele dedicou a sua vida, temos o dever de respeitar seus valores e de reconhecê-los como lição de vida. Uma vida que não se acaba com a mudança de plano do mestre, porque na verdade, ele foi o melhor pai que alguém pode desejar ter e dentro da sua filosofia simples nos ensinou que a honestidade



é a maior riqueza que uma pessoa pode ter. Viva Silvano! Minha música preferida é a Marcha nº 02 (vamos companheiras).

Vamos companheiras,  
Com toda fé  
Adorar a deus menino e Maria  
E Maria e José.  
Levando a rosinha  
Em nossa companhia  
Para enfeitar o trono do menino  
Filho da virgem Maria

Rosa Menina é o nosso amor  
É o prazer dos nossos corações  
Com seu perfume embriagador  
Saudando ao povo  
Com suas doces canções



## Geraldo Cruz do Nascimento

Quando o Terno estava comemorando 50 anos de fundação, perguntei ao meu pai se no ano da sua fundação houve algum fato histórico que tivesse marcado o momento e ele me respondeu: “Foi o fim da 2ª Guerra Mundial”. E nesse ano eu fiz um cajado que era um V e significava o V da vitória; fiquei pensando naquilo e resolvi desenhar um cajado novo, mostrei meu desenho ao meu pai e ele ficou muito entusiasmado e passou a confeccionar o cajado. Quando o Terno chegou na Lapinha



com aquele cajado em forma de V na frente, fiquei emocionado, minha obra estava ali do jeito que eu desenhei e imaginei. Aliás, eu sempre desenhei cajados para o meu pai e ele transformava aqueles desenhos em alegorias tão perfeitas, sem modificar o desenho original. Quando meu pai adoeceu, e devido a idade, eu passei a confeccionar os cajados, a maioria deles



eu só consertava e fazia algum arranjo e os outros eu mesmo criava. Lembro que no reveillon de 2006/2007 houve um incêndio lá em casa, um curto circuito provocou um incêndio no barracão onde ensaiamos o Terno e onde ficam guardados as roupas e os cajados, perdemos quase tudo, os pandeiros e as castanholas queimaram, alguns cajados também e o prejuízo só não foi maior porque as roupas estavam dentro dos armários, isso aconteceu no dia 01 de janeiro e só restavam 04 dias para a festa de reis; foi uma correria, cada um cuidando de uma parte e eu responsável por arrumar os cajados, faltando poucas horas para o Terno sair percebi que o cajado da frente que leva o presépio estava sem o São José, fiquei sem saber o que fazer, não tinha mais tempo para comprar o São José que havia quebrado, já havia arrumado os outros cajados, as lanternas, os adereços dos 03 Reis e o cajado como ia sair sem São José, foi aí que tive uma ideia, peguei outro santo e coloquei no lugar de São José, o importante era a família sagrada sair completa, e posso apostar que ninguém percebeu a troca dos santos.

Como todo filho, fui criado no Terno, carreguei cajado, depois passei a ajudar na organização e depois que meu pai ficou muito velho e doente tomei a responsabilidade de organizar o Terno, ensaiar e levar às ruas, juntamente com meus irmãos Márcio, Isabel e João e sempre gostei de todos os cantos, mas tem sempre um que toca mais fundo no coração da gente que os outros e o meu cântico preferido é o bolero das ciganas, é uma



versão de autoria do meu pai, o Mestre Silvano, é uma música que tem uma letra curta, porém, uma melodia muito bonita.

Cigana nesta noite de Reis  
Com seu pandeirinho  
A cantar e dançar  
Cigana o filho de Maria  
Veio neste dia  
Foi para nos salvar



## José Marcio Cruz do Nascimento

Eu posso dizer que já nasci dentro do Terno Rosa Menina, pois desde pequeno acompanho meu pai. Eu cresci ouvindo as músicas do Terno, que me ajudou muito na vocação musical, observando o Mestre Garrafa com seu trombone quando eu comecei a acompanhar o Terno carregando cajado, e em 1992, eu comecei a função de músico, tocando violão em uma apresentação no Mercado Mode-



lo. Desde então, assumi a minha missão de ajudar nos ensaios e na apresentação de rua, tocando banjo. Procurei neste tempo como músico do Terno, organizar apresentações extras, como por exemplo, uma aula pública na Escola de Enfermagem e na Escola Aliomar Baleeiro, etc. Chegando até a gravação do CD experimental com 03 componentes do Terno. Tive a oportunidade de divulgar as músicas do Terno no SESI do Caminho de Areia, com as mesmas meninas, onde elas cantaram e encantaram com algumas músicas, o que gerou muita emoção nas



pessoas ali presentes, pois fazia menos de 07 dias que o Mestre Silvano, tinha ido morar com o Pai Celestial.

Quanto a minha música preferida é difícil de dizer, pois todas as músicas do Terno são lindas, mas se é para escolher, eu vou ficar com o Hino do Guia (Noite de Natal), pois é a que mais me lembra os Mestres, Garrafa e Silvano.



## Gabriel Cruz do Nascimento

Como todos os filhos, eu também comecei a participar do Terno cedo, logo me entregaram um cajado e uma faixa e eu como um autêntico Nascimento, assumi o meu cajado com toda a dedicação e cuidado, procurando preservá-lo, pois se tinha coisa que deixava nosso pai irritado, era um cajado quebrado, isso o deixava furioso, o Mestre tinha consciência do quanto era importante um cajado para dar brilho ao Terno e como era dispendioso e trabalhoso confeccionar um cajado.



Sempre observei o amor e a dedicação que meu pai dispensava ao Terno, na vida ele tinha dois amores, a mulher e os filhos e o seu Terno de Reis, e ninguém se atrevesse a mexer nem com um e nem com outro. Atualmente sou motorista de ônibus e faço a condução do Terno para as festas.



Quanto a minha música preferida, é o canto das Espanholas. Esse Rosa Menina, não era só a paixão do Mestre Silvano, mas a paixão de uma família inteira.



## Efigênia Cruz do Nascimento Carneiro

O Terno Rosa Menina sempre esteve presente em minha vida, como legítima “Nascimento” não poderia estar alheia à tradição de Terno de Reis e principalmente a dedicação com que meu velho pai cuidava do seu Terno. Ele cuidava de cada detalhe, para ele nada podia estar fora da ordem, a nós, as filhas era dada a tarefa de bordar os boleros com lantejoulas e



vidrilhos, lembro bem que a gente deixava cair muita lantejola no chão e quando terminava o serviço, meu pai varria e recolhia as que caíam no chão. Meu pai era muito organizado, ele não só ensaiava o Terno, como também, confeccionava os pandeiros, as castanholas, os ganzás, as cestas de flores das floristas, os cajados e escolhia detalhadamente os tecidos para vestimenta das componentes. Meu pai era uma pessoa autodidata, aprendeu tudo sozinho, me impressionava muito o fato dele compor músicas e versos para o Terno, os quais estão dentro das exigências gramaticais, concordância verbal e nominal e versos com rimas perfeitas. No Terno eu também fui Rosa Menina,



espanhola e cigana, sei que meu pai tinha um sonho de que eu fosse Porta-estandarte, mas eu não quis a função e então ele colocou Regina no meu lugar.

Falar do meu pai é uma coisa muito gratificante, pois esse foi o melhor pai que um ser humano poderia ter, para meu pai o que mais lhe importava eram seus filhos e ele esteve sempre muito presente em nossas vidas. O amor e a dedicação dele pela Rosa Menina emocionavam, tenho certeza que onde quer que ele esteja está feliz em saber que a rosa que ele plantou e cultivou continua viva, linda e dando belos botões.

Depois que deixei de desfilhar no Terno assumi a parte da contabilidade. O difícil é fazer contabilidade com o que o Terno recebe de auxílio, é como fazer milagre. Muita despesa e pouca verba e nessa hora entra a participação dos filhos, cada um contribui como pode, mas o importante é não desanimar, é continuar lutando e acreditando que um dia Ternos de Reis serão tão valorizados como qualquer outra cultura do nosso estado. As minhas músicas preferidas são: a Marcha nº 02 e o Bolero da Porta-estandarte.



## Isabel Nascimento Dória

Quando meu pai faleceu para mim foi dada a difícil missão de comandar o Rosa Menina. Eu que praticamente já era o braço direito dele, quando ele já estava idoso e doente., fui escolhida para assumir a direção do Terno Rosa Menina, faço o que posso e conto com a ajuda de minha mãe e dos demais irmãos, mas tenho consciência que substituir o Mestre Silvano não é tarefa fácil pra ninguém, tento dar o melhor de mim para que o Rosa Me-



nina continue brilhando; às vezes fico pensando nas dificuldades que enfrentamos para conduzir o Terno para a Lapinha e nessas horas peço iluminação a Deus e orientação ao meu pai.

O Rosa Menina sempre foi um presente em minha vida, saí no Terno durante muitos anos, comecei como guarda de honra e segui como jardineiro, espanhola e cigana. Hoje me esforço para passar para as meninas um pouco do que aprendi, sempre



contando com a ajuda de João, Márcio e Geraldo, mas não é fácil, no meu tempo no Terno os ensaios eram com músicos, hoje a gente ensaia usando play beck pois não temos condições de pagar músicos para ensaios, então a nos viramos com o que temos. O que me deixa mais emocionada é quando chegamos na Lapinha e vemos que apesar de toda a dificuldade, de todos os problemas que enfrentamos, o Rosa Menina continua lindo e merecedor dos aplausos. Nesses momentos sinto a presença do meu pai e tenho certeza que cada gesto, cada música é orientado por ele.

Sei que minha responsabilidade é muito grande, mas me sinto segura no que faço e faço com muita dedicação e carinho, essa rosa é cultivada a cada dia e é por isso que está sempre linda e esbanjando felicidade. Como organizadora do Terno, gosto de todas as músicas, pois meu pai sempre caprichou muito nas suas composições, mas, a que mais me traz recordações é a Marcha nº 04.

Reunidas já estamos,  
Já podemos seguir  
À Lapinha de Belém,  
Para os anjos aplaudir

Marchamos com alegria,  
Para adorar o redentor  
Marchamos todas contentes  
Para adorar a Jesus o Salvador.



## João Cruz do Nascimento

Sempre tive muito orgulho de desenhar cajados para o Terno e de confeccioná-los, meu pai preparou todos os filhos para substituí-lo, caso fosse necessário, nós o ajudávamos a fazer os cajados, lanternas e os pandeiros e castanholas. Isso influenciou na escolha da minha profissão, sou artista plástico e licenciado em Artes pela UFBA, atualmente ajudo na organização e também faço parte da União dos Ternos de Reis, no Conselho Fiscal, também me responsabilizo pela instalação e manutenção da aparelhagem de som na festa da Lapinha, graças a dedicação que meu pai passou

para todos os filhos. O Rosa Menina continua forte e sempre muito bem organizado, aprendemos isso com o Mestre Silvano e não esquecemos a lição em momento algum, e essa paixão





pelo que fazemos e transmitimos para os nossos sobrinhos, que estão dispostos a nos auxiliar na manutenção do Terno, além dos irmãos e da minha mãe, ainda tenho a colaboração de minha noiva Lindinalva que está sempre disposta a me acompanhar e ajudar na operação do som enquanto os Ternos se apresentam.

Tudo isso é levado muito a sério por minha família e é isso que faz o Rosa Menina ser o diferencial da festa de reis. Quanto à minha música preferida, é a Marcha nº 02 (Que alegria).



## Ana Luísa do Nascimento Lima

Eu saio no Terno desde pequena. Na primeira vez que sai no Terno eu tinha 10 meses, como era pequeninha tia Detinha me segurou pela mão durante todo o percurso, com três anos cantei pela primeira vez o cântico da rosa, sempre fico muito ansiosa e nervosa quando chega no palanque e sei que vou ter que cantar, mas até hoje tenho me saído muito bem.

Amo muito o Terno, durante 12 anos fui o Rosa menina, agora estou estreado como espanhola. Minhas musicas favoritas são o cântico das espanholas, o bolero da Porta-estandarte e o cântico da Rosa Menina.





## Ana Cristina Cruz do Nascimento

Como todas as filhas eu também saí no Terno Rosa Menina, fui Rosa Menina, Espanhola e depois que me casei deixei de sair no Terno. A dedicação que meu pai tinha sempre foi motivo de orgulho para nós filhos, pois isso nos ensinava que não existem obstáculos quando se tem amor, que as dificuldades podem ser superadas, e haja dificuldades. Muitas vezes



pensei que meu pai fosse desistir, pois os Ternos de Reis não tinham e continuam não tendo incentivos para sair, mas a garra e o amor com que ele se dedicava à tradição de reis superavam qualquer expectativa.

Durante minha infância vi meu pai conviver com alegrias e tristezas com esse Terno. Alegrias por tudo que ele fazia e tristeza pela falta de respeito com que os Ternos são tratados, muitas vezes faltava ônibus para conduzir o Terno, outras vezes não tinha som e iluminação e o mais difícil é



saber que o incentivo à cultura é também dever do Estado, mas parece que para Ternos de Reis a coisa não funciona assim.

Somos sempre colocados em posição de inferioridade em comparação com outras tradições, mas Terno de Reis é tão importante quanto às outras, sem desmerecer nenhuma delas, é uma festa de cunho religioso, que foi trazida pelos europeus para o Brasil. Hoje, já não me envolvo tanto com o Terno, pois optei pela religião evangélica, mas isso não apaga as lembranças que guardo do amor que meu pai dedicava ao Rosa Menina. Uma música que gosto muito é o cântico do guia “Noite de Natal”.



## Rosilda Muniz dos Santos

Falar do Rosa Menina para mim é muito gratificante, eu que comecei a sair no Terno quando tinha 12 anos incompletos, como eu era desenvolvida, dindinha Luiza achava que o Juizado de Menores não ia criar problemas e realmente não criou.

A primeira vez sai no de jardineiro, depois passei a ser cigana, lembro-me bem que a gente pedia a dindinha Luiza que fizesse nossas saias com bolsos fundos, e dindinha Luiza perguntava pra que os bolsos fundos? e a gente sempre dizia que era para guardar lanche e batom, mas na verdade a intenção era outra, a saia com bolsos serviam para guardar o batom, mas também servia para esconder os umbus e seriguelas que a gente ganhava dos ambulantes. As ciganas do Rosa Menina já eram conhecidas, quando os ambulantes da Lapinha e do





Bonfim vinham o Terno chegar já falavam “lá vem o Terno das ciganas bonitas” e quando a gente passava, eles ofereciam umbu, seriguela e água. No Terno a gente era proibida de receber ou pedir qualquer coisa na rua, para isso sempre foi feito um lanche para a chegada e o café reforçado na saída, mas adolescente em qualquer época é sempre adolescente, a gente burlava a vigilância de dindinha e todas as diretoras e recebíamos as ofertas que os ambulantes nos davam com tanto carinho, o mais difícil era despistar dindinha Rita, mas mesmo assim a gente dava um jeito. Certa vez Valdira, que era mais velha me chamou para tomar uma cerveja; a gente sabia que era proibido ingerir bebidas alcoólicas no Terno, se seu Silvano descobrisse que a gente bebeu, ele tirava do Terno na hora e não tinha choro, ainda que a gente fosse da família, no Terno tinha um ditado que “as de casa era que tinham que dar o exemplo”, mas mesmo assim Valdira me convenceu e lá fomos nós para uma barraca afastada, atrás da Igreja do Bomfim e lá ingerimos dois copos de cerveja, foi o suficiente para eu ficar tonta, quando ouvimos o apito, saímos correndo e eu confidenciei a Conceição que estava tonta e não ia ter condições de abaixar para bater o pandeiro, ela ficou preocupada comigo e quando começou a tocar o canto da cigana (quero ver) ela ficou me procurando no palanque com medo que passasse mal na hora de abaixar, mas enfim consegui tocar, apesar de estar tonta. Desde que comecei a sair no Terno e até quando saí,



todas as vezes que subia no palanque me dava uma tremedeira, as pernas ficavam tremulas e as mãos frias, principalmente quando seu Silvano anunciava o hino de adoração, nós todas sabíamos que ali começava a nossa vitória ou a nossa derrota, estava nas mãos da Porta-estandarte o inicio do nosso sucesso ou do nosso fracasso, mas graças a Deus sempre foi o inicio do sucesso, passado o hino de adoração e o canto da Rosa, agora eu podia relaxar e era só esperar para mostrar o que as ciganas do Rosa Menina eram capaz de fazer, e faziam muito bem, não é a toa que ganhamos vários concursos, e por falar em concurso, que época boa era a época dos concursos, os Ternos tinham mais preocupação em mostrar a beleza, em mostrar seus cantos bem cantados por suas componentes, mostrar os cajados, todos querendo estar mais bonito, competindo e isso incentivava muito os Ternos, lembro que depois da apresentação na Lapinha e Praça da Sé, a gente chegava em casa quase sempre com o dia claro ou amanhecendo e ao invés de ir dormir ficávamos esperando o resultado, e geralmente era a nosso favor, Rosa Menina campeão e aí era só alegria, era só comemorar, e a comemoração ficava para a saída da Pituba que era a última, seu Silvano mandava fazer uma panela de feijoada e muito refrigerante, nada de bebidas alcoólicas, e a gente já ia para casa, cada uma levando seus trajes e esperando o próximo ano já com saudades; como todo concurso no Terno também tinha rivalidades e o nosso principal rival era



o Terno da Terra, a gente vivia se encontrando na rua e haja vaias de um lado e de outro, a gente mandava as pessoas que nos acompanhava ficar embaixo do palanque para dar vaia no Terno da terra, isso seu Silvano e nem dindinha Luiza sabiam, pois se soubessem tiravam a gente do Terno, mas era divertido, eles também vaiavam a gente quando se encontravam na rua, quando a gente ia para o Bonfim já sabia quem foi o Terno campeão e no Bonfim era que tinha mesmo gozações com o perdedor, no Bonfim às vezes tinha até briga por causa do fanatismo do povo com esses dois Ternos, o melhor mesmo é que as gozações quase sempre eram para eles, porque nós sempre ganhávamos, eu tive o prazer de ser tricampeã com o Rosa Menina. Na minha época no Terno, a gente participava da festa da Lapinha, Bonfim, Itapoã, Rio Vermelho e Pituba, tinha também um ritual que não esqueço, quando a gente terminava de se arrumar, e seu Silvano já arrumado desde às 17:00 h, a gente descia para o barracão com os músicos e ai cantava o hino do Senhor do Bonfim, depois saíamos em direção ao ônibus e assim que subíamos no ônibus ele apitava e os músicos já sabiam “Marcha nº 04”, esta música marcou a minha juventude no Terno Rosa Menina e ainda hoje quando ouço esta marcha me emociono, eu sempre gostei de todas as marchas, mas essa era a que marcava a nossa saída.



## Eliene Muniz dos Santos

O Rosa menina foi muito importante na minha infância e adolescência, pois meu pai não deixava a gente ir para lugar nenhum e graças ao Terno a gente podia se divertir e passear. E não foi só isso, foi no Terno que aprendi alguns pontos de costura, como também bordar com vidrilhos e lantejoulas. A gente passava as tardes bordando os boleros, os aventais e confeccionando nossos colares, nessa época o Terno não dava os acessórios, a gente que comprava e como a maioria era de moças pobres a gente fazia os colares

de umbaúba forrada de papel laminado, a noite dava um brilho tão bonito que parecia pedra; além dos colares a gente também enfeitava os pandeiros com fitas. Todas as ciganas tinham uma mania, esquentar o couro do pandeiro no fogo para o som ficar melhor, as meninas de hoje não sabem fazer isso e não





imaginam como funciona. Toda boa cigana quer um pandeiro com bom som e se isso não acontece, o melhor é esquentar o pandeiro no fogo. Esses truques quem ensinava para a gente eram as mais velhas e isso ia passando de geração para geração, hoje não saio mais no Terno, mas todo dia 05 de janeiro estou lá ajudando, e quando tenho uma oportunidade vou ver o desfile da rosa.



## **Raquel Ramos (a primeira Rosa Menina – no bairro de Pernambués)**

O Terno Rosa Menina foi muito importante na minha infância, Pernambués como bairro de periferia não tinha nada, a gente não tinha nenhuma diversão aqui, os pais sempre muito severos não deixavam as filhas sair, foi quando seu Silvano se mudou para Pernambués, no bairro só se falava nisso: o Terno Rosa Menina vai sair agora daqui do bairro. Isso foi em 1955, eu tinha 11 anos quando comecei a ensaiar no Terno e para meu orgulho fui a primeira Rosa Menina aqui no bairro, isso marca muito a vida da gente, seu Silvano era exigente, a gente começava a ensaiar no mês de setembro e quando chegava janeiro ele ainda estava achando que ainda estava faltando alguma coisa, na minha época a gente tinha muita dedicação com o Terno, no dia de Reis o bairro se transformava e todo mundo ganhava com isso, eram os pequenos donos de armarinhos vendendo fitas e acessórios, eram os salões que ficavam lotados, todas querendo ficar mais bonita, todo mundo querendo fazer o melhor para ganhar o concurso.

Eu tive a satisfação de ter participado de vários concursos e ter ganhado boa parte deles. Mas não era só isso, além de aprender dançar e cantar a gente também aprendia a costurar, a bordar, a fazer nossos próprios acessórios, colares e pulseiras, enfim, o Rosa Menina também funcionava como uma oficina. Isso sem falar na disciplina.



Tinha uma valsa no Terno que eu sempre gostei muito, na minha época essa valsa era do Guia e atualmente eu vejo a Porta-estandarte cantando, eu sempre me emociono quando ouço essa música, ela traz muitas recordações da minha infância e até hoje, quando estou com meus netos eu canto essa valsa para eles.

### **Valsa da Porta-estandarte**

Vamos lindas companheira  
a Lapinha de Belém  
Vamos louvar ao menino  
que nasceu pra o nosso bem  
Vamos louvar ao menino  
que nasceu pra o nosso bem.

Desci do firmamento,  
com minha estrela guia  
Para guiar os pastores  
e nossa Rosa Menina,  
Para guiar os pastores  
e nossa Rosa Menina.



## Valdira

Eu fui a primeira nora de Silvano que saiu no Terno. Quando comecei a sair ainda era menina e fui crescendo dentro do Terno, e foi no Rosa Menina que conheci Fulô, o filho mais velho de Silvano e com ele namorei e tive uma filha.

Talvez pouca gente soubesse disso, e acho que seu Silvano também não sabia, mas saí no Terno grávida de Valdice, eu não podia dizer que estava grávida senão não sairia. Enquanto Fulô ia à frente soltando os foguetes, eu ia no meio do Terno dançando, cantando e apesar da gravidez, descia e batia o pandeiro no chão, não estava nem aí pra nada, o que eu queria mesmo era me divertir, ficar fora do Terno, nem pensar, eu fazia qualquer coisa para sair, inclusive esconder minha gravidez.





Apesar da minha eterna paixão pelo Terno, minhas 03 filhas nunca saíram, todas seguiram o caminho da minha mãe e resolveram ser evangélicas e nunca me deram o prazer de dançar no Terno.

Na minha época existiam duas competições, a primeira e mais importante, era a da Lapinha e a segunda era uma competição interna, mas muito saudável, eram as meninas competindo entre si, as floristas para ver quem ía mais arrumada e com as cestas mais enfeitadas; as ciganas para ver quem ía com os colares mais bonitos e os pandeiros mais enfeitados e quem lucrava com isso era o Terno que estava sempre bonito. Hoje elas já recebem tudo pronto, anáguas engomadas, colares e pandeiros arrumados, na minha época nós fazíamos questão de colocar nossas anáguas na goma e arrumar nossos próprios pandeiros.

Sair no Terno para as jovens, do meu tempo, era a realização total. Eu sempre fui comportada, mas tinha umas meninas que aprontavam, e seu Silvano era rigoroso! Lembro que uma vez houve uma briga entre duas ciganas, não me recordo o motivo, e na hora do Terno sair, as duas prontas, ele mandou tirar a roupa; e olhe que uma delas era sobrinha dele; mas podia ser a filha, ele não admitia brigas no Terno.

Uma vez, no Bonfim, eu conheci um senhor que me convidou para ir para Cajaíba que fica em Valença para ensaiar as ciganas do Terno dele. O homem pagou minha passagem, me



deu dinheiro e lá fui tratada como rainha, eu que pensei que ia causar mal estar entre as meninas do Terno me enganei, todo mundo queria conhecer a ciganinha de Salvador. Ensinei alguma coisa para as meninas e depois vim embora, pois eu não podia trocar o Rosa Menina, por nada, nem mesmo por dinheiro.

Foram muitas as emoções que contemplei nesse Terno e até hoje, de vez em quando pego meu pandeiro e vou tocar. Quem foi cigana um dia não esquece o pandeiro, seu Silvano costumava me chamar de professora das ciganas e sempre que posso vou dar minha contribuição, ajudando as meninas mais novas a aprender tocar pandeiro, cantar e até mesmo recitar seus versos. Minha música preferida como não podia não deixar, de ser é das ciganas, apesar de gostar de todos os cânticos das ciganas, mas a minha preferida é a rumba.

### **Rumba das Ciganas**

Ciganinhas aventureiras  
Vamos cantar em Belém  
Adorar a Deus Menino  
Que nasceu pra o nosso bem  
É tão grande a alegria,  
Pra lá segue toda gente,  
Todos temos como guia  
A estrela do oriente.



Eu vou levando o meu pandeiro,  
Pra ver o que eu posso arranjar,  
A mim interessa é dinheiro  
Pois cigana não pode  
Fazer festa sem ganhar.

Eu faço a minha despedida  
Porque não posso demorar  
Eu vou procurar minha vida  
Voltarei para o ano  
Se Jesus nos ajudar.



## **Edvalda – Ex-componente do Terno no bairro de Brotas**

Conheci seu Silvano quando o Terno ainda saía no bairro de Brotas, e foi nessa época ainda menina que eu saí no Terno Rosa Menina. A gente chamava ele de “seu careca”, durante dois anos saí na Rosa Menina. Na época o Terno ainda era pequeno, e a gente ia para a Lapinha repleta de gente. Nós éramos crianças e a Lapinha era uma das maiores festa de largo de Salvador, lembro que a gente desfilava até o palanque, mas era terrível, muita gente, muito empurra-empurra, mas o importante era chegar lá; a gente dançava na Lapinha, Bonfim e em outras festas.

Depois eu saí também no Terno da Terra, de seu Aloísio e no Rancho do Boi. Para mim era a melhor diversão que tínhamos eram os Ternos. Lembro muito bem de seu Silvano, e fiquei muito triste quando soube da sua morte, depois que deixei de sair nos Ternos, eu ia à Lapinha assistir aos desfiles, é uma coisa tão bonita que não devia acabar.

Há alguns anos estive na festa da Lapinha e no Bonfim e fiquei triste de ver que já não tem mais o brilho que tinha quando a gente era jovem, na Lapinha tinha algumas pessoas, mas não tinha palanque, os Ternos estavam se apresentando na porta da Igreja, e no Bonfim não tinha quase ninguém. Dói muito saber que as nossas festas estão acabando. Os Ternos têm



muito a ver com a cultura da Bahia, por isso não deve acabar. Tenho muitas lembranças das músicas dos Ternos, tanto do Rosa Menina, quanto da Terra e do Rancho do Boi, todas as músicas do Rosa Menina são muito bonitas.



## Luísa e Lícia

Comecei a sair no Terno em 1977, quando minha irmã Lícia já saía há um ano, porém, minha mãe não deixava eu sair.

Comecei a ensaiar escondido, mais um dia, chegando em casa, minha mãe me alertou que eu não iria sair em Terno nenhum. Chorei muito, quando tia Edith percebeu o motivo falou: “vá para seu Terno Luísa, quem está mandando sou eu”.

Saí numa carreira tremendo e quando chegou no barracão, seu Silvano falou: “meu omolu é forte, eu sabia que você ia voltar”. Ele me deu um abraço forte e me colocou no lugar de Maria, que era cigana de pandeiro, que por sinal havia faltado muitos ensaios e por isso perdeu a vaga.

Quando Maria chegou ao barracão começou a chorar, mas seu Silvano não teve dó, pois esperou muito por ela e a menina não apareceu. Dona Luiza, comovida com a situação





de Maria colocou ela de baiana, foi o único jeito que teve dela continuar no Terno, pois não havia mais vagas de cigana.

Em 1977 saí como cigana de pandeiro, foi muito emocionante para mim, pois foi o meu primeiro ano no Terno Rosa Menina. Em 1978 foi o ano mais feliz para mim, porque eu saí pela primeira vez de Porta-estandarte, meu coração não suportava de tanta felicidade. Saí de Porta-estandarte por 03 anos e depois parei, por motivo banal, foi quando Sonia tomou o meu lugar.

Quando dei conta de mim, voltei correndo, mas não encontrei mais a vaga e tive que voltar a ser cigana de pandeiro. Foi em 1984, logo Sonia deixou de sair e eu imediatamente voltei ao meu lugar de Porta-estandarte, onde dancei até quando deixei de sair no Terno. De vez em quando, pego minha bandeira e vou lá matar a saudade. Minha música preferida é a rumba e como não podia deixar de ser o Bolero da Estandarte.



## **Cecília Pereira da Silva, Ibirapitanga-Bahia**

A primeira vez que tive contato com o Terno Rosa Menina foi através de uma reportagem impressa no Jornal A Tarde, logo associei o nome do Mestre Silvano Nascimento ao nome do seu filho, Francisco Nascimento, que era professor, meu colega de profissão.



A partir daí, fiquei emocionada com a fala do mestre, que dizia da importância da família dar continuidade a sua criação. Depois, ao me aproximar de Francisco, o meu encantamento com essa expressão da manifestação da cultura popular só fez aumentar. Só em 2011 tive a oportunidade de conhecer o Rosa Menina pessoalmente. O que me chamou a atenção foi a integração da família, a dedicação e responsabilidade de cada filho, a capacidade criativa do Mestre Silvano na construção das alegorias, letras e melodias do Terno Rosa Menina, além da capacidade que ele teve de passar para cada filho um pedaço de si.



O meu sonho agora é contribuir na elaboração do Memorial Rosa Menina, para garantir que essa história não se perca na oralidade.



## Dielson Amorim

Desde criança aprendi a admirar o Rosa Menina e a criatividade de seu Silvano. O bairro de Pernambués, como todo bairro de periferia, não nos apresentava muitas opções de divertimento, os pais mais rigorosos do que os atuais, não nos deixava frequentar festas de largo. A opção era carregar cajado, assim a gente aliava o útil ao agradável; assim eu comecei a carregar cajados desde garoto.

Seu Silvano sempre foi muito respeitado no bairro e quando a gente recebia um “não” da mãe para ir a festa da Lapinha e Bonfim, a gente falava “é para carregar cajado no Terno”, aí tinha toda a aprovação: “se é para ir com Silvano e Luiza, pode ir”.

Hoje continuo ajudando o Terno, estou sempre presente nas festas da Lapinha e Bonfim, ajudo João na sonorização e não costumo perder a apresentação do Terno em lugar





nenhum, na função de carregador de cajados conheci muitos Ternos de Reis, mas nenhum deles pode se comparar ao Rosa Menina, aqui tudo é feito com cuidado, com dedicação e muita responsabilidade, por isso é tão fascinante. Têm duas músicas que gosto muito: é o cântico das Ciganas nº 02 e o das Espanholas, gosto muito do ritmo dessas duas músicas.



## Lindinalva Oliveira

Conheci o Rosa Menina no ano 2007 na festa da Lapinha, apesar de morar na Liberdade, próximo àquele bairro, nunca tinha visto Terno de Reis. Foi quando conheci João e fui com ele assisti ao desfile dos Ternos. Fiquei maravilhada com o brilho do figurino e as músicas. Admiro muito o Rosa Menina pela organização e pela dedicação e seriedade



com que é feito. Durante esses anos sempre acompanho João nas apresentações e procuro também ajudar, João é responsável pelo som e nós ficamos no palanque até que o último Terno se apresente, é muito bonito ver os Ternos, mas o Rosa Menina é especial.

Um dos momentos mais emocionantes para mim é quando o Terno se arruma na porta da Igreja do Bonfim, após a apresentação para cantar o Hino do Senhor do Bonfim, esse momento me deixa muito emocionada e entendo porque os filhos fazem tanta questão de dar continuidade a obra do pai. Todas as suas músicas do Terno são muito bonitas e bem elaboradas, porém, a que mais gosto é a Marcha nº 03.



### **Marcha nº 03**

Vamos a Belém Pastoras  
Ver o nosso salvador  
Hoje é nascido em Belém  
O nosso Divino amor

As nossas flores mimosas  
Nós viemos oferecer  
Para levar ao Messias  
Antes do dia amanhecer.



## **Bernadete Anjos Nascimento**

Conheci o Rosa Menina, ao mesmo tempo em que conheci Geraldo. Já tinha ouvido falar de Ternos de Reis, mas nunca tinha visto pessoalmente. A coisa que mais me impressionou foi a dedicação com que seu Silvano, meu sogro, organizava o Terno. Nos meses de dezembro e janeiro todos respiravam Terno. Geraldo ajudava muito na organização e na confecção dos cajados. Quando seu Silvano adoeceu a responsabilidade dos cajados ficou quase que totalmente para Geraldo. Seu Silvano ajudava no que podia, mas era Geraldo e João quem comandavam os trabalhos. Eu também passei a me envolver mais nessa época. No início minha ajuda se restringia a tomar conta das meninas na rua, mas quando Geraldo passou a administrar a parte das alegorias, eu e os meninos, Tiago e Samuel passamos a fazer parte da equipe. Muitas vezes Geraldo fica trabalhando até tarde, para que tudo ficasse pronto no dia de Reis e, nós, ficássemos assessorando ele. Atualmente também sou responsável pelos lanches. Nessa família cada um faz sua





parte e no final o que se vê é um Terno muito bonito e organizado. Apesar de eu nunca ter saído no Terno, uma vez eu me vestir de cigana numa recepção e me sentir realizada. Quanto a minha música preferida é o samba das baianas.



## Isabel Santana Nascimento

Comecei a sair no Terno ainda menina, primeiro fui florista por dois anos e depois seu Silvano me colocou de espanhola. Seu Silvano sempre foi muito zeloso com as coisas do Terno, assim que terminava os ensaios ele recolhia todos os pandeiros, castanholas e ganzás, não permitia nunca que ninguém saísse com os instrumentos do Terno, mas comigo foi diferente, no mesmo dia que ele falou que eu ia treinar para ser espanhola, ele me entregou um par de castanholas e mandou que levasse para casa.



Eu que já gostava de sair no Terno, fiquei maravilhada quando soube que ia ser espanhola. Para mim, ser espanhola do Rosa Menina era a realização, eu me sentia uma princesa, “eu me achava!”. Quando a gente subia no palanque eu ficava



esperando ansiosa pelo cântico das espanholas, era a minha glória.

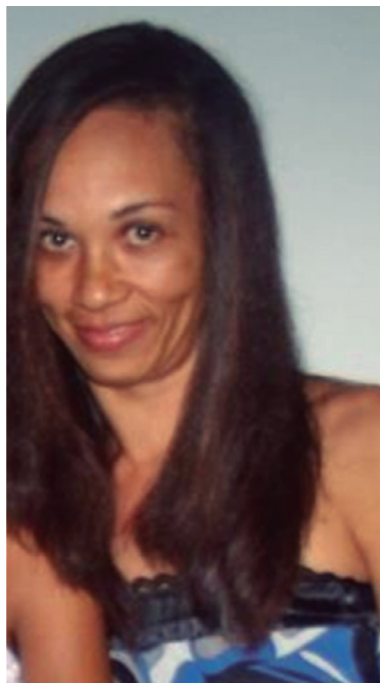
Foi saindo no Terno que eu conheci Gabriel e com ele casei. Hoje todos nós fazemos parte do Terno eu, Gabriel e nosso filho Daniel. Quando Daniel começou pedir para sair no Terno fiquei meio relutante, porque ele ainda era muito pequeno e nem sempre posso acompanhar os desfiles, mas a insistência dele foi tão grande que acabou me convencendo. É incrível como as crianças dessa família começam a gostar de Ternos desde cedo, é uma coisa que não tem explicação. Mesmo pequenos eles já demonstram amor e responsabilidade com o Terno. Eu lembro muito que seu Silvano falava que tinha certeza que os filhos não iam deixar “a Rosa Menina” morrer. Ele tinha tanta certeza disso que chegava impressionar.

E a família continua provando que ele estava certo. Gosto muito das músicas do Terno. Quando estamos num desfile na rua e temos a oportunidade de passar por outros Ternos é que comprovamos que o Rosa Menina é o diferencial da festa de reis, com todo o respeito que os outros merecem. A minha música preferida é a que marcou a minha vida no Rosa Menina, o cântico das espanholas.



## Raimunda Anjos Nascimento

Ao meu saudoso sogro, Sr. Silvano Nascimento, minha sogra, Sra. Luiza Nascimento, cunhados e cunhadas, sobrinhos e sobrinhas, meu esposo, José Marcio Nascimento e minha querida filha, Priscila Nascimento. Sinto-me muito honrada em fazer parte desta numerosa família que com muito esforço colabora com o desenvolvimento da cultura de nossa gente.



Apaixonei-me pelo Terno de Reis, Rosa Menina, desde o primeiro momento em que o conheci. Suas danças, figurino, alegorias e, principalmente suas músicas. No momento faço parte da orquestra. Sinto-me realizada em fazer parte dessa difusão cultural que faz manter viva a identidade do povo brasileiro.

As músicas com suas riquíssimas produções também têm sido motivo de atenção e as que mais se destacam são: “Hino da Estrela Guia” que fala do nascimento de Jesus, o



grande sinal da estrela, que guia os pastores e a valorização da natureza através da rosa, e a música do “Rosa Menina” que é puro louvor e gratidão ao Deus Criador e bastante emocionante pelo fato de ser cantada por uma criança que representa o Rosa Menina.

Outro aspecto interessante é a finalidade desse movimento artístico que leva o ser humano a refletir sobre a vida de Jesus entre os homens. Ele que foi filho de pais humildes, seu nascimento em meio aos animais; o sinal da estrela; a visita dos Reis Magos; a presença dos anjos, tudo vem fortalecer a religiosidade marcante de que é preciso seguir o exemplo deste grande homem que se fez pequenino como criança e viveu toda condição humana, menos o pecado, para mostrar a grandiosidade de Deus.

E o Sr. Silvano fazia questão de valorizar e relacionar alguns dos aspectos da vida de Jesus, com a sua: como a mesma data de nascimento e o fato de ser também carpinteiro, o que acredito ter sido o verdadeiro motivo da criação do Terno de Reis Rosa Menina, em eterna gratidão ao Deus da vida.

Resta-me dizer que a Família Nascimento está de parabéns por fazer acontecer este e outros manifestos culturais, deixando sua marca brilhante por onde passa e incentivando as pessoas a resgatar a cultura que, muitas vezes, se encontram adormecidas.



## Jailton Nunes (Jô Pezão)

Quando eu soube que estavam escrevendo um livro sobre o Rosa Menina, eu me interessei em participar, pois o Terno tem muito a ver com o apelido que me colocaram e eu tenho muitas informações sobre ele guardadas na lembrança.

No meu tempo os carregadores de cajado se trajavam com roupa social, calça preta, camisa branca de manga comprida, gravata borboleta e sapato social. Desde pequeno já tinha um “pezinho” maior do que os meninos da minha idade, quando seu Silvano me autorizou carregar cajados, eu cheguei em casa todo entusiasmado e falei com meu pai. No dia da Festa de Reis lá fui eu e meu pai na missão quase impossível de comprar um sapato social para mim, rodamos todo o comércio da Baixa dos Sapateiros, de loja em loja e não achava o tal sapato;





quando percebi que meu pai estava prestes a desistir comecei a ficar triste, era o meu sonho de sair no Terno que ia deixar de ser realizado por conta de um sapato. Na última loja que entramos o vendedor colocou um plástico dentro do sapato e o pé entrou, meu pai perguntou se estava bom e eu respondi que sim, mesmo sabendo que estava apertado, fui para a Lapinha e Praça da Sé. Na época dos carregadores de cajado iam em uma caçamba, que sofrimento, tanto para nós carregadores como para seu Silvano que tinha que consertar todos os cajados, a cada apresentação. Durante o desfile do Terno o pé começou a doer no sapato apertado, não vi outra solução, pisei no sapato e lá fui eu todo de roupa social e meia fazendo do sapato chinelo; quando cheguei em casa que meu pai viu as condições do sapato que ele havia comprado com tanto sacrifício me deu uma bela surra, daí eu nem ligava mais sabia que ia apanhar mesmo e em todas as outras apresentações do Terno eu ia levando meu cajado pisando o sapato como chinelo, esse foi um dos motivos de me chamarem de “Jó Pezão”.

Depois que deixei de carregar cajado continuei ajudando no Terno, passei a fazer parte da segurança e hoje tenho o maior orgulho de ver minha filha dançando no Terno.

Uma recordação que guardo na memória foi uma briga que aconteceu no Largo de Itapoá, envolvendo um casal aqui do bairro, foi tanta gente batendo e tanta gente apanhando



que eu não sei como não morreu ninguém. Um rapaz passou pela moça que era espanhola do Terno e mexeu com ela, o marido que vinha ao lado não gostou e rolou a maior briga, um carregador de cajado conhecido por Maguary levou uma cacetada na cabeça e desmaiou, é bom que se esclareça que a briga não teve nada a ver com o Terno como foi noticiado na época, foi uma briga de casal e eu testemunhei tudo desde o começo. Além de mim, minha irmã Maria também saía no Terno, ela era baiana, aliás quase toda minha família era envolvida com o Rosa Menina. Sempre admirei o Terno e continuo admirando, mesmo depois do falecimento de seu Silvano, a família continua mantendo a tradição e isso é muito bom para todos nós e nosso bairro. Os meninos da minha época que saíam no Terno não se envolviam com coisas erradas, seu Silvano era um referencial para todos nós e agradecemos a ele. A minha música preferida é o samba das baianas.

Esta é uma obra inacabada, com começo, meio, mas que nunca terá fim, porque O Rosa Menina é e será eterno.



### **Regina Cruz do Nascimento**

é filha de Silvano e Luiza, Servidora Pública Estadual e reside atualmente na cidade de Valença/BA, onde exerce a função de Escrivã de Polícia, é formada em Letras pela Faculdades de Ciências Educacionais de Valença (FACE).



Senhores,

Em nome deste pequeno Terno,  
Por todos vós aplaudido,  
Agradeço penhorado  
A honra que nos foi dada  
Por este povo querido.

Jesus nasceu na pobreza,  
Sendo dele a nobreza  
A vida. A luz e o amor,  
A rosa tem a beleza  
Que lhe deu a natureza  
Por ordem do criador.

Se conquistamos vitórias,  
Deus menino rei da glória,  
Jamais nos faltou com a bondade,  
A ele demos louvores,  
Agradecendo os favores,  
Pedindo para os senhores,  
Saúde e felicidade.



**Silvano Francisco do Nascimento**



## **Nosso Hino**

Salve, salve ó grande dia,  
Nós viemos adorar  
A Jesus filho de Maria,  
Que nasceu pra nos salvar,  
Levando a Rosa Menina  
A lapinha de Belém  
Para adorar a Deus Menino  
Que nasceu pro nosso bem.

Formato: 150 x 210 mm  
Fontes: Souvenir, 14/13/12 e Minion Pro, 12  
Miolo: papel offset, 90 g/m<sup>2</sup>  
Capa: papel Supremo, 250 g/m<sup>2</sup>  
Impressão: outubro 2013.

## **Regina Cruz do Nascimento**

é filha de Silvano e Luiza, Servidora Pública Estadual e reside atualmente na cidade de Valença/BA, onde exerce a função de Escrivã de Polícia, é formada em Letras pela FACE – Faculdades de Ciências Educacionais de Valença.



**fapesb**  
Fundação de Amparo  
à Pesquisa do Estado da Bahia

**Bahia**  
GOVERNO  
TERRA DE TODOS NÓS  
SECRETARIA DE CIÊNCIA,  
TECNOLOGIA E INOVAÇÃO



Turismo de Base  
Comunitária no  
Cabula e Entorno  
- TBC Cabula

ISBN 978-85-7887-209-0



9 788578 872090